



a siahona

Outubro de 1960

a lianona

OUTUBRO DE 1960

VOL. XIV — N.º 9

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

A Fôrça do Testemunho, Presidente Asael T. Sorensen 308

DE INTERESSE GERAL

Missão no Norte do México, Robert M. Cowley 309
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 310
Conheça a Verdade, Henry D. Moyle 312
O Significado dos Milagres na Igreja de Hoje, Elder Spencer W. Kimball 314
Porque a Pressa?, Elder Hugh B. Brown 317
Ingredientes para um Anjo, Nora Eddington 318
As Três Testemunhas, Douglas Johnson 335

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento, Elder Milton R. Hunter 307
A Igreja no Mundo 307
Eu Gostaria de Saber, Joseph Fielding Smith Jr. 316
Sacerdócio Aarônico, Conquista de Reconhecimento 322
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo, O Dom do Espírito Santo 323
Seu Ramo 324
Meu Testemunho 332
A Missão Distrital de Curitiba, Presidente Flodoaldo Alcione Toniolo .. 333
Reminiscências 334

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Eangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — Arch J. Willis, Sherwin W. Jamison

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano US\$ 3,50
No Brasil: Ano Cr\$ 150,00
Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761



A TENDÊNCIA DE NEGAR A DIVINDADE DE CRISTO

Excertos de uma alocução oferecida pelo Elder Milton R. Hunter do Primeiro Conselho dos Setenta durante a conferência bi-anual, realizada em outubro de 1952.

Durante os anos recentes, tem-se registrado uma progressiva tendência entre os ministros das várias denominações Cristãs, escritores e pessoas diversas, de negar a divindade de Jesus Cristo. Estes professam crer que Ele foi apenas um grande mestre e classificam-no juntamente com os profetas, porém negam que tenha sido literalmente o Filho do Verdadeiro Deus Vivo.

Nós, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nos revoltamos ao ouvir tais ensinamentos, porque compreendemos melhor, e aceitamos a Jesus Cristo como nosso Senhor, Deus, Rei, Salvador e Redentor; como o Filho Unigênito de Deus na carne, e como a personificação de tudo o que é bom. De fato, em Sua vida pré-mortal, e mesmo antes deste mundo ser criado, Ele gozou do estado de Divindade. Agindo naquela capacidade juntamente com o Pai Eterno, ajudou a criar este mundo, tanto como muitos outros mundos.

Antes dos séres humanos serem colocados nesta terra, o Evangelho ou o plano de salvação foi denominado com o Seu nome, isto é, o Evangelho de Jesus Cristo, e Ele se tornou conhecido como o Autor do plano de salvação. Também, o Sacerdócio lhe foi conferido e denominado em sua homenagem, sendo chamado o Santo Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus.

Depois que os séres mortais foram colocados nesta terra, e isto durante as várias dispensações do Evangelho Jesus serviu como Mediador entre o céu e a terra, e nessa posição revelou à família humana, por intermédio dos santos profetas, as verdades do Evangelho e a vontade do Pai, de tempos em tempos, oportunamente.



ESTACA DE TORONTO ESTABELEECIDA NA MISSÃO CANADENSE

Toronto, a trecentésima estaca da Igreja, foi organizada em Toronto, Condado de Ontário, Canadá, no Domingo dia 14 de agosto de 1960, na área a oeste do Lago Ontário.

Foram chamados para presidir sobre a nova estaca que resultou do englobamento de três distritos da Missão Canadense, os Elderes William M. Davies, Presidente da Estaca; Cecil T. Taylor, Primeiro Conselheiro; e Elden C. Olsen, Segundo Conselheiro. Ralph W. Brown foi apoiado como secretário da estaca, com W. Glenn Keyes, assistente.

Presidindo o estabelecimento da nova estaca estavam os Elderes Mark E. Petersen do Conselho dos Doze e Alma Sonne, assistente do referido Conselho.

Mais de 94 por cento, ou seja 2.171 pessoas da população total da estaca (2.303 pessoas) estiveram presentes durante a sessão da manhã e 2.093, ou seja 91 por cento, durante a sessão da tarde.

O total da congregação da Missão Canadense a 1.º de Janeiro de 1950 era de 1.791 almas. Imediatamente antes da formação da estaca, o número total de afiliados da missão era de 5.284 membros.

MISSIONÁRIOS EM TERRAS ESTRANGEIRAS

Um total de 178 missionários foram designados durante a semana de 14 a 21 de agosto de 1960 pelas Autoridades Gerais da Igreja, para fazer missões em tôdas as partes do mundo, fora das fronteiras dos Estados Unidos e Canadá, 7 dos quais foram recebidos na Casa da Missão em São Paulo e 3 na Casa da Missão em Curitiba. As Autoridades Gerais esperam que o Ano Missionário de 1960-61 produza o maior número de missionários jamais enviado pela Igreja. O âmbito de idades nesse grupo de 178, é de 19 a 61 anos.

APROVADA A TRADUÇÃO DE III NEFI À LÍNGUA CHINESA

A tradução do Livro de Mórmon para o Chinês está sendo feita. Apesar de faltar ainda algum tempo para que esse trabalho de tradução e publicação esteja completo, a Primeira Presidência ordenou a publicação imediata de III Nefi, para que essa parte do livro possa ser usada pelos missionários, para uma introdução aos ensinamentos do Livro de Mórmon.

Elder Gordon B. Hinckley, Assistente do Conselho dos Doze que recentemente passou pelas Missões Setentrional e Meridional do Extremo Oriente disse que haviam sido feitos preparativos para a publicação de III Nefi em Hong Kong. O trabalho está sendo executado por diversas editoras chinesas de Hong Kong que têm capacidade de traduzir precisamente do Inglês para o chinês.

Veio à terra no Meridiano dos Tempos para nascer de uma mulher mortal, uma virgem, e ser o Filho Unigênito de Deus na carne. Desta forma foi dotado com uma dose superior de divindade, vivendo uma vida mortal de perfeição e demonstrando a nós como viver, através de seu exemplo.

“A Força do
Testemunho”



pelo Presidente

ASAEL T. SORENSEN

da Missão Brasileira do Sul

O testemunho é fruto da fé. Através do esforço aplicado em estudos, oração e num viver correto, se obtém um testemunho. Ele vem como uma dádiva de nosso Pai Celestial. Qual foi a resposta de Pedro, quando o Salvador perguntou: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” Pedro respondeu com convicção, “Tu és o cristo, o Filho de Deus vivo!” E Jesus respondendo, disse-lhe, “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus”. (Mat. 16:15-17). Vemos assim que o testemunho lhe foi dado por nosso Pai Celestial.

Depois que o Cristo ressuscitado partiu do meio dos apóstolos, eles ficaram entregues a si mesmos. Receberam a companhia do Espírito Santo, e pelo poder de seus testemunhos, foram capazes de enfrentar tôdas as perseguições, e mesmo a morte. Os inimigos temiam seu grande poder. Foi somente quando êstes conseguiram se congregar em um número grande, que acharam coragem para tentar aprisioná-los. Os apóstolos sabiam com tôda certeza que Jesus era o Cristo e nada podia tirar-lhes esta certeza.

Na vida da pré-existência, se formou um conflito nos céus sôbre o princípio de livre arbítrio e da necessidade de um salvador. Lúcifer ou Satanás converteu uma terceira parte das hostes celestiais ao seu modo de pensar e êstes começaram a lutar contra os Santos no Céu. Lemos no livro de Apocalypse que “Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos. Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se

achou nos céus”. E foram expulsos “pela palavra do seu testemunho”. Se procurarmos fazer a vontade de Deus, nosso testemunho será aumentado.

“Pois a palavra do Senhor é a verdade, e tudo o que é verdade é luz, e tudo o que é luz é espírito, mesmo o Espírito de Jesus Cristo. E o Espírito dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo o homem no mundo que atende à Sua voz”. D. & C. 84:45-46).

No entanto, o homem tem que abandonar os desejos carnis e as aspirações materiais para poder atender à voz do Espírito. Aquêles que se arrependem de seus pecados e procuram ser obedientes aos mandamentos do Senhor, recebem pela voz do Espírito um testemunho da divindade do Evangelho Restaurado de Jesus Cristo; e quando recebem êsse Testemunho, obtêm simultâneamente o poder de sobrepujar tôdas as outras fraquezas ou erros.

O Senhor chamou milhares de Seus élderes e os mandou adiante para levar seus testemunhos ao mundo e incumbiu-os assim: “Pois vos perdoarei os vossos pecados com êste mandamento: Permaneçais firmes em vossas mentes, em solenidade e espírito de oração, prestando ao mundo todo, testemunho das coisas que vos são comunicadas. Portanto, ide por todo o mundo, e a qualquer lugar que não puderdes ir, enviareis outro, para que o testemunho possa partir de vós para o mundo todo, a tôda criatura”. (D. & C. 84:61-62).

(continua na página, 331)

Missão do Norte do México

Conforme compilado por Robert M. Cowley

“Esta não é ocasião para vocês estarem fazendo trabalho missionário”, foram as palavras proferidas por um temível líder revolucionário no princípio de um grandioso trabalho missionário na região do norte do México. Esse líder era Pancho Villa.

Foi em março de 1919 que o Presidente Joseph C. Bentley e dois jovens missionários Santos dos Últimos Dias deixaram a pequena colônia Mórmon do norte de Chihuahua para averiguar com os missionários, quem estava trabalhando numa cidade vizinha. A área sofria o flagelo dos tumultos da guerra. Com as tropas de Pancho Villa postadas fora de cada colônia e as tropas federais mantendo contrôlo dentro das mesmas, qualquer pessoa que desejasse viajar de uma colônia para outra teria que defrontar-se com vários problemas.

Cavalgando algumas milhas para fora da cidade, os três missionários deram com uma sentinela de Villa. Eles apresentaram seus passaportes — os quais conseguiram obter por causa de sua posição neutra — e relataram o propósito de sua viagem ao guarda.

Sendo um homem precavido e tendo sido cuidadosamente instruído, o guarda recusou-se a deixar os homens passarem ou irem embora. O presidente da estaca, Bert Whetton, conseguiu finalmente persuadir o guarda a permitir que esperassem no pôsto avançado enquanto o mesmo ia até o quartel-general de Villa obter consentimento para soltá-los.

Enquanto esperavam, um soldado federal aproximou-se e advertiu-os de que fugissem a fim de salvar suas vidas; e que, se eles ficassem não haveria probabilidade de escaparem. Mas os missionários tinham dado sua palavra de que ficariam, e isso o fizeram.

O soldado de Villa voltou acompanhado de um destacamento. Ele ficou muito contente ao ver que os missionários tinham cumprido sua promessa e esperado por ele. (Os soldados tinham instrução de matar o guarda, por haver deixado os missionários sôzinhos, se por acaso eles não estivessem lá).

O Presidente Bentley e os dois missionários foram conduzidos ao quartel-general de Villa onde os encerram em uma pequena cela. O quarto tinha uma porta de madeira muito grande, não tinha janelas e a única iluminação pro-



...e Pancho Villa estava Enganado

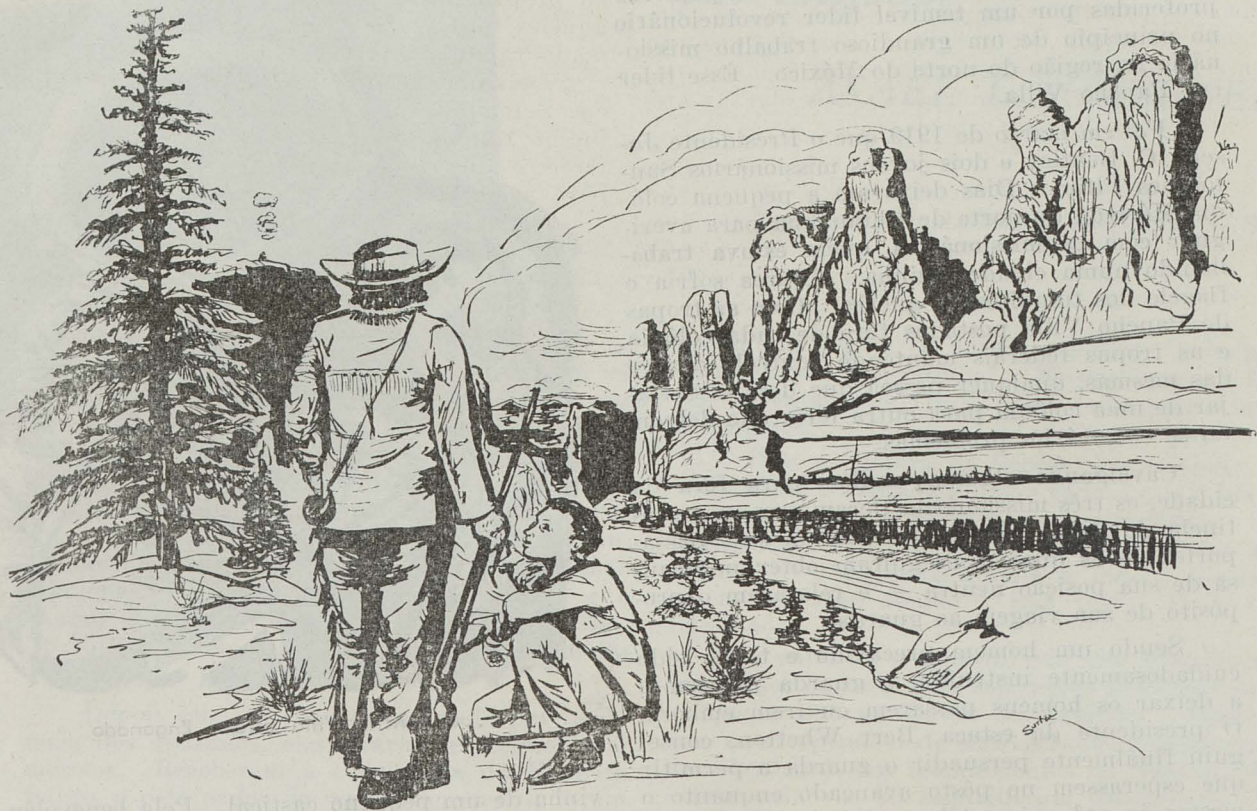
vinha de um pequeno castiçal. Pela benevolência dos três prisioneiros Mórmons, a animosidade dos guardas da prisão tornou-se mais branda e foram persuadidos a deixar a porta aberta algumas vêzes, a fim de que os prisioneiros ficassem mais à vontade. A porta aberta também deu aos missionários uma oportunidade de pregar o Evangelho. Sendo verdadeiros Santos dos Últimos Dias — obedecendo as regras de seus captores, cooperando com tudo o que lhes era mandado fazer e nunca tentando fugir da prisão — eles pregavam o Evangelho em ações bem como com palavras.

Parecia que Villa não desejava nem mencionava ver seus prisioneiros; mas depois de alguns dias foi-lhes concedida uma entrevista, e eles foram levados ao seu quartel-general. Ainda assim Villa não lhes dispensou muita atenção, estando ocupado com outros afazeres. Enquanto esperavam o momento de sua entrevista,

(continua na página, 320)

Fé, Essa Conquistadora

Por James A. Little



As páginas do último capítulo de “Fé, essa conquistadora”, encerraram um relato de novas atribulações com os selvagens. O pisotear do gado que os povoadores trouxeram tinha inutilizado nos pastos uma grande quantidade de grama, de cujos grãos os índios costumavam se alimentar, daí originando-se várias desinteligências que terminaram por se transformar em verdadeira guerra. Defendendo a fronteira e se esforçando por estabelecer a paz, naquêle período difícil, Jacob Hamblin gozou experiências muito edificantes, quando o Senhor o preservou de morrer de sede no deserto, juntamente com uma companhia de homens, e quando sua saúde foi mais uma vez restabelecida.

Enfrentaram muito frio e longas noites de vigília. Nós atravessamos a montanha Buckskin ou Kibab várias vezes, com neves profundas, que nos alcançavam as cinturas. Esta guerra com os navajos ocasionou para mim muitas reflexões bem sérias. Pareceu-me que deveria haver uma forma mais razoável de acomodar as coisas, e tomei a decisão de visitar os navajos, tendo com êles uma conversa, assim que as circunstâncias o permitissem.

Na primavera de 1870, o Presidente Brigham Young, seu conselheiro, George A. Smith, o Apóstolo Erastus Snow e outros líderes da Igreja, vieram a Kanab, trazendo uma guarda de vinte homens.

Quando fomos notificados de sua vinda, aprontamos as coisas da melhor forma possível, e os nossos setenta Piutes levaram suas pinturas velhas, e as refizeram de novo, da forma com que usualmente se lambusavam, ataviando-se para compôr sua melhor aparência de índios.

O Presidente Young objetou-se de início a enviar os animais sob a guarda de um índio, para serem abeberados e alimentados, mas depois consentiu em fazê-lo. Ele expressou-se aprovadamente quanto ao trabalho e à política adotada por mim para controlar as atividades na fronteira.

Eu lhe disse que desejava visitar os navajos, e ter uma conversa com eles, pois tinha havido um bom número de incursões mortas, e se eu nunca vira os ossos de um navajo no chão, tendo a carne comida por lobos e abutres, sofria no entanto por essas coisas, pois sempre me havia aborrecido o derramamento de sangue, e desejava obter paz de qualquer outra forma mais racional.

Quando o Presidente Young chegou a Toquerville, em seu retôrno, enviou-me uma carta de instruções, incentivando-me a fazer o possível para evitar o derramamento de sangue, não permitindo que os índios conseguissem qualquer tipo de armas ou munições, se desconfiasse que as empregariam para matar mineiros ou outros viajantes. Se possível, ele desejava que os povoadores prosseguissem sem matar mais um só navajo que fôsse.

CAPÍTULO XVI

Eu me determinei a fazer todo o possível, durante o verão de 1870, para desenvolver uma atitude amistosa entre os índios nossos vizinhos, que habitavam a margem oeste do Colorado, para que se dispuzessem a favorecer-nos em vez de a nossos inimigos. Decidi não perder ensejo de visitar os navajos, esforçando-me por promover uma boa compreensão entre eles.

Assim, falei aos Utes de Red Lake, dispendi alguns dias em Fish Lake, a leste de Parowan, e visitei os índios ao longo do Sevier. Tive muitas longas palestras com eles, e creio ter conseguido bons resultados no inspira-los com o espírito da paz.

Encontrei em certa ocasião o Professor J. W. Powell, que declarou haver descido o Rio Colorado no ano anterior, e que os índios das vizinhanças do Monte Trumbull, a sudoeste de Kanab tinham matado três de seus homens. Ele desejava visitá-los e evitar a repetição de

semelhante calamidade na próxima estação, quando pretendia tornar a descer o rio, acompanhado de alguns auxiliares, para explorar o Grand Canyon.

Precisava empregar alguém que compreendesse o caráter dos índios e falasse seu dialeto, para seguir com ele, e o Presidente Young me havia recomendado como a pessoa indicada. Seus têrmos foram liberais e como eu próprio estava também ansioso por visitar aqueles índios, um acôrdo satisfatório foi firmado rapidamente.

Deixamos Kanab pelo Monte Trumbull em Setembro de 1870, levando conosco dois índios Kanab. Alcançamos nosso destino ao terceiro dia, e selecionamos um bom local para acampar, perto de uma nascente.

Na ocasião alguns nativos recolhiam frutos de cactus, que brotavam por ali em abundância, e nós lhes pedimos que trouxessem àquele local algumas pessoas que tinham tomado parte na matança dos exploradores no ano anterior.

Uns doze ou quinze índios se reuniram no dia seguinte, e nós solicitamos que a entrevista tivesse o caráter de uma boa e pacífica palestra.

Comecei por explicar aos índios o tipo de trabalho do Professor Powell. Esforcei-me por fazer-lhes compreender que ele não visitava seu território com qualquer propósito do qual lhes pudesse advir algum mal; que ele não estava buscando ouro, prata ou outros metais; e que voltaria ao longo do rio, na estação seguinte, com uma companhia de vários homens, e se os índios encontrassem qualquer deles longe do grupo, nas montanhas, deveriam mostrar-se amigos, ensinando-lhes os lugares onde havia água, se necessário.

Eles disseram que alguns amigos seus, da outra margem, haviam atravessado o rio numa jangada, para avisar que os homens de Powell eram mineiros, e que os mineiros do outro lado do rio abusaram de suas mulheres.

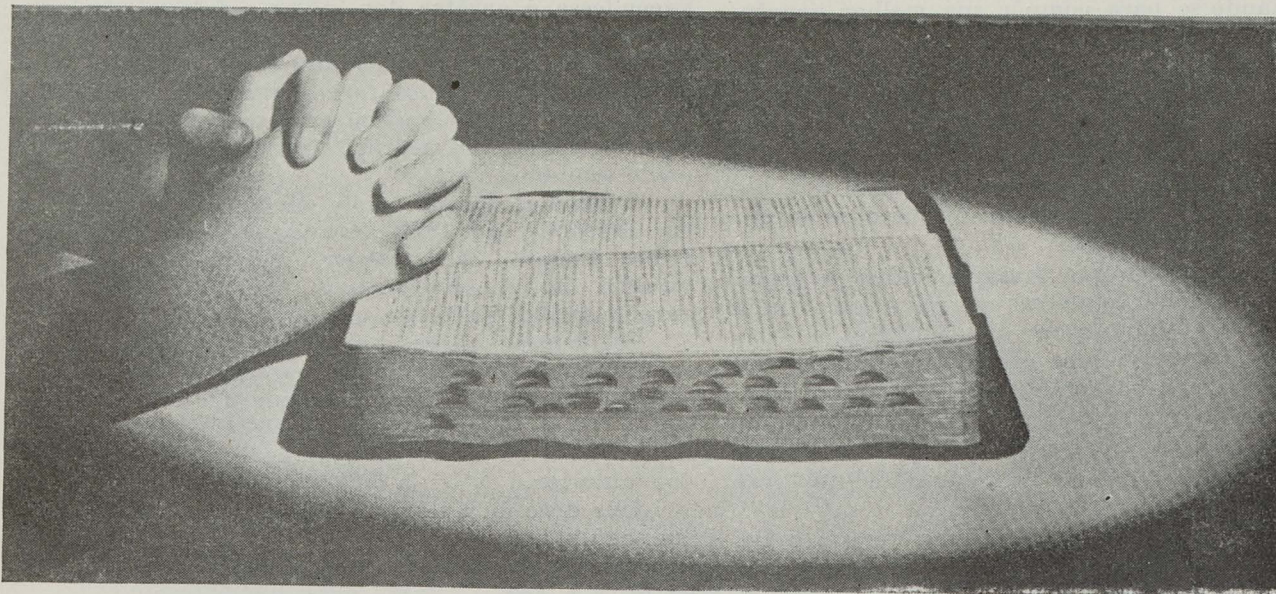
Advertiram-nos a que matassem os três homens brancos que haviam se afastado do rio, pois se encontrassem qualquer mina em sua região, atrairiam grandes males ao meio deles. Os três foram então perseguidos e mortos durante o sono.

Os índios declararam depois que acreditavam no que eu lhes dissera, e que se tivessem sido informados corretamente acêrea dos homens, não os haveriam matado.

Afirmaram que Ka-pu-rats poderia viajar e dormir em seu território sem ser molestados, e que lhe mostrariam e a seus homens os lugares das nascentes.

(continua na página, 326)

CONHEÇA A VERDADE



Henry D. Moyle, da Primeira Presidência

“Cremos em Deus, o pai Eterno e no seu filho Jesus Cristo e no Espírito Santo”. (primeira Regra de Fé).

Sobre esta regra de nossa fé, baseia-se a Igreja. Jesus Cristo nosso Senhor e Mestre, é o Filho do Deus Vivo. Cristo é o nosso Dirigente. Sua vida e suas obras na mortalidade tiveram um duplo propósito no plano eterno da humanidade primeiro, redimir o homem da queda. Assim sendo ele foi chamado o Redentor da humanidade, e nós, juntamente com Paulo cremos desde então que:

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

“Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito a primícia dos que dormem.

“Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

“Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” (I Cor. 15:19-22)

A expiação de Cristo foi por sua vez dupla, como eu já disse: primeiro para redimir o homem da queda. E é através desta expiação que o homem ressuscita dos mortos a fim de ganhar vida eterna na sua plenitude e alcançar a

reunião do corpo e do espírito após a morte. Isto constitui a plenitude do homem.

O segundo propósito da expiação é o de ressuscitarmos livres de nossas transgressões na mortalidade, e o de não vivermos para sempre em nossos pecados. Cristo também expiou por todos os nossos pecados individuais.

Assim, nós dizemos que ele tomou sobre si os pecados do mundo. João conta-nos que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça mas tenha vida eterna. (João 3:16).

Nós dizemos na nossa segunda Regra de Fé:

“Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão”.

Assim vemos que a expiação de Cristo traz sobre nós a redenção dos mortos. Todos nos tornamos frutos da ressurreição. A redenção de nossos próprios pecados depende de nós.

Não somos salvos de nós mesmos somente pela graça como o somos da transgressão de Adão. Entender esta simples diferença dá-nos força para diferenciar em larga escala a verdade do erro. Quando buscamos a inspiração

de Deus em resposta às nossas orações, êle nos inspira.

Nós nos arrependemos, e o arrependimento nos leva a uma apreciação das leis e ordenanças de Deus pelas quais o homem pode, através de seu próprio esforço, através do exercício de sua própria força de vontade, erguer-se do pecado para a retidão. Quando êle age dêste modo, está a caminho da salvação eterna e exaltação no reino de nosso Pai Celestial.

Paulo disse de Cristo: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

"E, sendo êle consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem." (Hebreus 5:8-9).

Para tôdas as coisas Cristo serviu-nos de modelo. Foi com êste propósito que êle veio à terra. Nenhum afastamento dêste plano poderá ser justificado ou tolerado quer no julgamento ou na misericórdia de Deus. Além disso tudo, não existe desculpa ou razão pela qual todos homens não devam ser obedientes a êste plano, e êles não podem tentar justificar a si mesmos por seguirem qualquer outro caminho na vida. Cristo veio para auxiliar-nos na elaboração de nossa salvação.

Há duas fases na missão de Cristo aqui na terra: Primeiro, êle ensinou a seus seguidores o plano tanto pelo exemplo como pelo preceito. Seus ensinamentos se iniciaram com o seu próprio batismo nas águas do Jordão pelas mãos de João Batista, por imersão, e João tinha sido prévia e devidamente comissionado pelo Senhor para realizar essa ordenança. Poderia ter êle dado maior expressão de importância ao batismo de outro modo?

"E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre êle.

"Eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Mateus 3:16-17).

"... porque assim nos convém cumprir tôda a justiça..." Idem. 15).

Em seguida nós vamos ver Cristo na mão do tentador. Assim êle nos ensinou, pelo seu exemplo, a superar a força do mal. Nós todos devemos reconhecer em nossas vidas a existência de duas grandes forças, e aprender logo que com a força e a inspiração de Deus nós podemos sobrepujar, resistir e pôr de lado tôda a força do mal. Mesmo o seu jejum de 40 dias deu-nos uma compreensão de como nós podemos igual e eficazmente alcançar a fonte de força essencial para nosso próprio progresso.

De que melhor maneira poderia o Salvador

ter-nos ensinado o modo de iniciar uma vida de humildade e de obras?

Vemos em seguida Cristo na Montanha ensinando a seus discípulos escolhidos, e junto com êles outros ouvintes — sim uma multidão — os princípios pelos quais os homens poderiam controlar suas vidas, e deveriam controlá-las.

E é dêstes ensinamentos que temos o Ser-mão da Montanha. Que bom seria se êle fôsse compreendido por todos os homens. Mas nem todos compreendem os ensinamentos de Cristo. Seus ensinamentos bastaram para ensinar todos aquêles que os ouviram e todos aquêles que os leram ou que agora lêem; de modo a que todos o reconhecessem como o Filho do Deus Vivo.

Houve relativamente poucos que o seguiram. Muitos estavam ligados a práticas pagãs do passado, demasiadamente satisfeitos consigo mesmos para abrir suas mentes e seus corações recebendo a verdade, mesmo quando ela foi expressa com a convicção, conhecimento e a força de Deus manifestada através de Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Mestre.

O tempo não permitirá a enumeração de todos os seus ensinamentos. Como somos gratos a êle por ter-nos dado o Sacramento da Ceia do Senhor e por ter-nos ordenado a nos reunirmos freqüentemente e partilharmos daquele Sacramento e renovar nossos convênios para guardar suas leis e obedecer seus mandamentos, do mesmo modo que concordamos em fazê-lo nas águas do batismo.

Seu segundo propósito não foi cabalmente completado senão após sua crucificação e ressurreição, exatamente antes de sua ascensão aos céus, quando encarregou os apóstolos de irem por todo o mundo pregando o Evangelho de Jesus Cristo a cada nação, raça, língua e povo e que aquêles que crêsem deveriam ser batizados e dêsse modo alcançariam sua própria salvação.

"E chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra.

"Portanto ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

"Ensinando-as a guardar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém". (Mateus 28:18-20).

Eis que aqui novamente, êle ofereceu o grande modelo a ser seguido por seus discípulos em tôdas as gerações dos tempos. O plano pode ser resumido simplesmente.

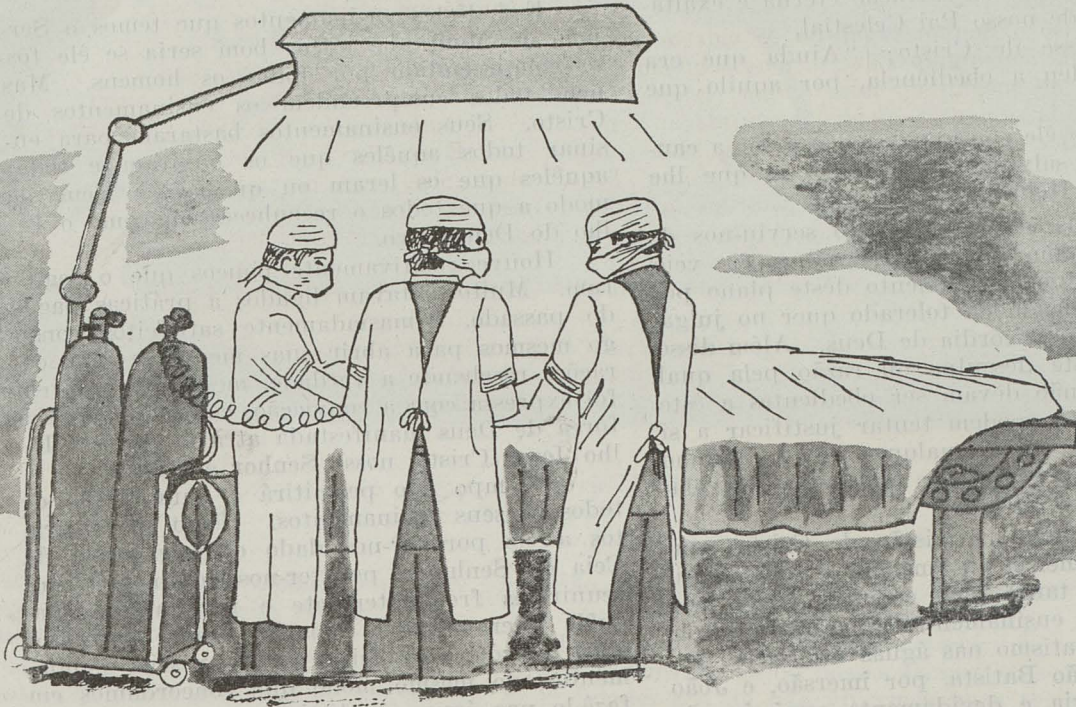
Ouvimos o Evangelho.

Arrependemo-nos.

Somos inspirados. (continua na página, 224)

O Significado dos Milagres na Igreja de Hoje

Por Elder Spencer W. Kimball



Sempre que a verdadeira Igreja de Deus estiver na terra, haverá milagres. Esta Igreja possui o Santo Sacerdócio, o poder dado ao homem de agir em nome de Deus, e este poder está ao alcance de todos os homens que procuram honrar seu sacerdócio. Toda alma que é pròpriamente batizada para entrar no reino de Deus, receberá o Espírito Santo como companheiro, inspirador e revelador. O batismo, precedido pelo verdadeiro arrependimento de êrros e transgressões, é o desenvolvimento da fé em Deus.

Os milagres são de diversas espécies. Talvez o maior milagre seja o testemunho — uma experiência que, como diz o Webster, ultrapassa nossas compreensões das leis conhecidas da natureza. Conhecer que Deus o Pai vive, que Jesus de Nazaré é o filho de Deus e que as doutrinas por Ele promulgadas são divinas e exaltadoras, é um fenômeno inexplicável à razão

humana, porque a testemunha pode ser incapaz de provar sua certeza, ou de demonstrar sua segurança por qualquer sentido físico. Pode ser que ela nunca tenha visto, ouvido ou tocado alguma Dêiade, nem visto ou ouvido um outro que o tivesse feito; porém ela dá testemunho do que sabe com convicção total, o que corresponde a um total conhecimento.

Testemunho é uma revelação pessoal — um dos dons importantes — e pode ser fruído por qualquer alma disposta a pagar o preço.

A revelação é um milagre que se manifesta por sonhos, visões, inspirações e visitasões. Em tôdas as dispensações, o povo de Deus foi guiado pelo seu criador por meio de milagres. A Igreja, organizada pelo Senhor em Jerusalém, tinha revelação constante até que a apostasia afastou tudo: a Igreja, o Espírito Santo, o sacerdócio e em consequência, os milagres.

Existem outros eventos milagrosos, tais co-

mo falar e interpretar línguas, expulsar demônios, curar enfêrmos, aleijados e cegos, e levantar os mortos. Durante os aproximadamente três anos do ministério do Senhor Jesus Cristo, houve muitas destas ocorrências inexplicáveis — tantas que uma grande multidão de gente seguiu Jesus por tôda parte, onde quer que Ele fôsse. Muitos dos seguidores eram de uma curiosidade incontrolável, com obsessão incontida de ver o extraordinário e eram mais interessados no que Ele fazia do que no que pedia que fizessem.

Não só o Senhor levantou os mortos, como no caso de seu amigo Lázaro, mas também Nefi, líder no meridiano dos tempos, ressuscitou para a vida seu irmão o qual a população ignorante tinha apedrejado até a morte. Elias levantou o filho da viúva, na flor da idade. Pedro levantou para a vida a Tabitha que era chorada como morta. Os coxos andaram, os cegos viram, os possuídos de maus espíritos foram aliviados. Doenças incuráveis foram sanadas em tôdas as dispensações em que o sacerdote esteve na terra e os homens tiveram o verdadeiro Evangelho para seu guia e seguiram seus ensinamentos.

Uma pergunta muitas vêzes formulada é: "Se os milagres fazem parte do programa do Evangelho, porque não existem hoje em dia?"

A resposta é muito simples: Nós temos milagres hoje — além de tôda imaginação! Se todos os milagres do tempo de nossas vidas fôsem registrados, isto ocuparia muito espaço nas bibliotecas, para conservar os livros que os conteriam.

Que espécie de milagres temos? De tôdas as espécies — revelações, visões, línguas, curas, ajudas especiais, maus espíritos expulsos. Onde estão registrados? Nos arquivos da Igreja, em jornais e revistas e na mente de muitas pessoas.

O racionalista continua: Muitas pessoas são abençoadas e não saram. Isto é certo, como sempre tem sido. O Salvador foi para sua cidade natal, "E não fêz ali muitas maravilhas por causa da incredulidade dêles." (Mat. 13:58) Jesus explicou que das muitas viúvas em Sarepta, Elias só foi mandado para uma; e que dos muitos que sofriam da temida lepra em Israel, só um homem, Naaman, foi limpo naquêle tempo. Dos muitos, talvez amigos ou conhecidos de Jesus, que morreram durante os anos de Seu ministério, bem poucos nos foram reportados como tendo sido levantados da morte pelo Senhor. Nunca houve intenção de curar a todos ou ressuscitar tôda gente, pois o inteiro programa da mortalidade, com morte, ressurreição e exaltação teria sido frustrado.

Porém o Senhor fêz promessas específicas: "Sinais seguirão os que crerem." Ele não prometeu que os sinais criariam fé ou exaltação. Eles são o produto da fé. Nascem no solo da inabalável confiança, e prevalecerão na Igreja mais ou menos na mesma medida da verdadeira fé dos homens. Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre. Ele não pode mudar. Sempre que um povo realmente crer, haverá milagres. O Senhor disse:

"E outra vez, acontecerá que, aquêle que tiver fé em Mim para ser curado, e não estiver designado para morrer, será curado.

"Aquêle que tiver fé para ver, verá.

"Aquêle que tiver fé para ouvir, ouvirá.

"O aleijado que tiver fé para saltar, saltará.

"E aquêles que não tiverem fé para fazer estas coisas, mas crerem em Mim, têm poder para se tornarem Meus filhos; e se não obedecerem as Minhas leis, tu suportarás as suas enfermidades." (D. & C. 42:48-52).

Se não fôr designado para morrer, qualquer indivíduo com fé suficiente será curado. Mas a cura nem sempre será instantânea. Pode ocorrer recuperação gradual, porém, será ainda um milagre do Senhor. Alguém poderá estar sob tratamento, nas mãos de hábeis médicos, e ainda será um milagre do Senhor o seu restabelecimento.

Demasiado freqüentes para serem mencionados são os casos de "sinais" ou recuperações de pessoas sôbre as quais os médicos já haviam lavado as mãos, e abandonado para morrer. Órgãos que se recuperam sem cirurgia, funções fisiológicas que se normalizam sem tratamento, e muitas doenças sérias que foram eliminadas pela administração das bênçãos; tais milagres, contudo, nem sempre são reconhecidos como milagres.

Procurar as razões é ser inimigo da fé. Na medida que uma cresce a outra decai.

Quantos não se curam depois de receber a ambos, tratamento médico e unção pelo Sacerdócio! E a quem se dá o crédito. Geralmente ao médico. Em alguns casos, o curado reconhece a mão do Senhor em seu milagre por algum tempo, mas a memória é curta e logo êle fala em altos elogios das drogas maravilhosas, dos hospitais eficientes e dos médicos habilitados. Semelhante foi o caso dos dez leprosos curados pelo Senhor. Nove consideraram a cura como natural, nem voltando para agradecer. Um só reconheceu o milagre e o seu doador, voltando para adorá-lo.

"E respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse a dar glória a Deus senão êste estrangeiro?" (Lucas 17:17-18).

continua na página, 321)

Três Dias de Trevas

EU GOSTARIA DE SABER

JOSEPH FIELDING SMITH Jr.

Presidente do Conselho dos Doze

Responde à sua pergunta.

PERGUNTA: Em Lucas 23:44 consta que com a crucificação de Cristo houve um período de trevas por toda a terra até a hora nona, mas no *Livro de Mórmon*, 3.º Nefi 8:22-23, consta que houve trevas por um período de três dias, quando Cristo morreu. Qual relato do acontecimento está certo — ou são corretos os dois. Se estão certos, como pôde isto se dar?

RESPOSTA: É fato bem estabelecido que a terra é uma esfera, ou um corpo esférico, e que gira de Oeste para Leste, completando uma rotação em 24 horas do cálculo humano. Assim sendo, temos o dia e a noite, enquanto a terra dá uma volta completa. Se a gente estudar um globo terrestre, descobrirá que o hemisfério ocidental fica no lado da terra oposto à Palestina, onde o Salvador foi crucificado. O Senhor revelou a Nefi, quase 600 anos antes de nascer na carne, que na ocasião de sua morte, haveriam três dias de trevas no hemisfério ocidental (I Nefi, 19:10), e poucos anos antes da crucificação o profeta Samuel também profetizou os três dias de trevas. Profetizou êle ainda que haveria trovões e relâmpagos e grandes terremotos tais que a face da terra seria transformada e rachada, pois até àquele tempo estava numa condição sólida e firme. (Helamã 14:20-21).

Certamente nenhum crente nas escrituras e conhecedor dos milagres grandiosos e diversos feitos por Jesus entre nós, irá imaginar que Êle teria forças para abrir os olhos aos cegos, curar os leprosos, mandar para as tempestades e levantar os mortos e ainda ser incapaz de controlar a luz e as trevas em qualquer parte da terra. Não seria absolutamente mais difícil causar trevas de três dias em um hemisfério, do que causar trevas de três horas no outro. O período mais longo de escuridão e punição afligiu os habitantes do hemisfério ocidental por causa de sua extrema iniquidade. No prazo de poucos anos êles haviam-se desviado da verdade para seguir a Satanás, e dêles foi escrito que não pecaram inconscientemente, pois conheciam a vontade de Deus relativa a si próprios, pois lhes fôra ensinada; “portanto, era voluntariamente que se rebelavam contra Deus”. (3.º Nefi, 6:18).

E não apenas houve um período de trevas quando Cristo morreu, mas também se cumpriu a profecia de que haveria um dia e uma noite e mais um dia de luz contínua no continente americano ao nascer o Salvador.

PORQUE A PRESSA?



Pelo Elder Hugh B. Brown,

do Conselho dos Doze.

Nota do Editor: Neste artigo, Elder Brown observa que não é um psiquiatra, nem um psicólogo, nem mesmo um médico praticante, mas que “escreve como quem adquiriu alguma experiência secular e eclesiástica, através dos anos, com orientação para antes e depois do matrimônio”. Ele continua: “Este modesto ensaio é escrito sob o ponto de vista prático de um pai observador, avô, amigo e conselheiro da juventude. Tendo oficiado em algumas cerimônias matrimoniais, e em entrevistas, investigado e tentado salvar ou pôr em segurança centenas de vítimas do naufrágio que, sentindo-se sem ânimo, desiludidos e derrotados, de tempos em tempos, enviam um urgente SOS, o escritor deseja compartilhar algumas das experiências acumuladas durante sua vida. Expressa, numa oração, a esperança de que alguns dos que estão para ‘levantar âncoras’, tenham oportunidade de ler e atender a uma palavra de cautela e encorajamento vinda de alguém que vem singrando as águas do matrimônio há mais de cinquenta anos”.

Tem-nos sido feita muitas vezes esta pergunta: “Qual é a idade adequada para dois jovens se unirem no matrimônio?” Não existe, naturalmente, uma idade fixada, com a qual os jovens devam casar-se, e não podemos portanto, dar uma resposta definitiva à questão.

A idade relativa ao desenvolvimento físico e biológico não é a única ou, de fato, a primordial consideração. O casamento carece de maturidade física, mental, moral e espiritual. Conquanto não seja possível estabelecer quando uma pessoa está suficientemente madura para se casar, há muitos casos e histórias de casamentos que falharam justamente por causa da imaturidade. Nos estados do Oeste dos Estados Unidos, inclusive Utah, houve em 1958, quase um terço de divórcios em relação a casamentos. Os casamentos de adolescentes terminam em divórcio três vezes e meia mais do que os de pessoas entre 22 e 28 anos. Pensando nessas estatísticas, perguntamos: “Porque a pressa?”

O casamento pressupõe pelo menos certo grau de maturidade. Os adolescentes estão ainda em processo de amadurecimento físico, mental, social, psicológico e espiritual. Vivendo uma fase de transição, estão por isso em crescimento, e tanto em idade quanto em tamanho físico, são ainda crianças. Quando duas pessoas nessa época da vida contraem o matrimônio, elas continuarão a crescer, em muitos aspectos, mais independentes do que conjuntamente. Se seus interesses, objetivos e personalidades forem se distendendo em direções cada vez mais afastadas, a separação tornar-se-á inevitável. Os que se casam atravessando ainda a fase de transição, estão pondo em jôgo a sua própria felicidade e a dos outros.

Quem é emocionalmente imaturo, pueril, não sabendo comportar-se como adulto, não poderá também assumir a responsabilidade mais séria da vida. Casamento é coisa para adultos.

(continua na página, 330)



INGREDIENTES PARA UM ANJO

por Nora Eddington

Subi a cêrca e pulei vagorosamente para dentro do curral do lado oposto. Estava chovendo e eu precisava tomar muito cuidado por onde andava, a fim de não sujar o chão imaculado da cozinha de vovó. Cortando caminho pelo curral, eu podia ir diretamente do nosso quintal à casa dela.

Era esta, sem dúvida, a melhor parte do meu dia — eu entrava na cozinha, e sentia o cheirinho maravilhoso da saborosa comida que ela estava preparando, ao mesmo tempo que sentia junto ao meu, o seu rosto macio e enrrugado, quando vovó me beijava.

Ela morava numa casinha de madeira tôda vermelha; pelo menos tinha sido vermelha em dias passados. Os anos, o sol e o tempo haviam alterado a côr para um tom rosa suave. A casa era alta na frente e inclinada na parte de trás, contendo dois quartos e o puxado da cozinha. Mas oh!, as maravilhas daquela casa. Tivesse eu de comprar uma mansão nesta vida, e nunca poderia se comparar aos três pequenos cômodos de vovó, tão transbordantes de amor, piedade, ternura, bondade, riso e graça, que penetrar lá significava sentir-se aliviado e com nova disposição.

Nesse mesmo dia, parei para roçar meus dedos carinhosamente sôbre as iniciais “A. M.

A.” gravadas à faca num lado da casinha vermelha. As letras, que haviam sido encravadas ali por minha mãe, anos antes, nunca haviam sido cobertas com massa ou pintura. Annie May Anderson, a pequena “Annie” de vovó, morrera quando eu tinha apenas dois anos de idade. E foram essas iniciais rústicas que fizeram com que ela sempre fôsse uma realidade para mim.

Como não havia um roupão de banho vermelho aparecendo na parte de vidro da porta da cozinha, entrei logo. Se o velho roupão estivesse dependurado na porta, significava que vovó estava tomando banho na banheira de lata atrás do fogão da cozinha, e eu teria de esperar lá fora, até que êle terminasse.

“**Nej men**, Nora!” dizia vovó para mim, batendo com a mão no joelho e enrolando a língua com os seus “rrs”, alegremente. Vovó sempre dizia isso para mim quando eu entrava. “**Nej men**, Nora!” Como se eu fôsse uma visita rara, digna de tôdas as honras e atenções de que são objeto êsses personagens. O fato é que as minhas visitas que amontavam a um número de 365 por ano, nunca aborreciam vovó.

Naquêle dia ela estava fazendo “nozes açucaradas”, como as chamava — pedacinhos de massa do tamanho de uma noz, que ela fritava

bem na gordura e cobria com açúcar. Muitas vezes raciocinei que algum confeitiro com iniciativa poderia fazer uma fortuna se comercializasse as "nozes açucaradas" de vovó.

Depois eu começava a desfilar o rosário de tôdas as coisas que tinham me acontecido desde a última visita, e cada coisa que eu contava recebia tanta atenção e admiração de vovó quanto poderia desejar meu jovem coração. Depois de repartir minhas preocupações de criança e com o avental cheio de nozes açucaradas, eu estava pronta para enfrentar o meu mundo de cabeça erguida e sem temor.

Naquêl dia havia "sopa doce" para ser levada a uma vizinha que morava na mesma rua, mais acima, e que estava se sentindo mal. Havia um pão fresquinho assado na hora, para ser entregue a Sister Merrill que tinha quebrado o tornozelo, e uma dúzia de fraldas de flanela macia, para um novo bebê do quarteirão próximo; ela nunca se esquecia de seus amigos, pois para vovó, todos eram "um amigo especial".

Vovó veio da Dinamarca para a América com 16 anos de idade, convertida à Igreja.

Só e impossibilitada de falar inglês, ela conheceu e casou-se com um homem de sua cidade natal. Vovó Anderson era 30 anos mais velho do que sua noiva. Depois de ser pai de 6 filhas e 3 filhos, êle morreu deixando vovó para criar a ninhada da melhor maneira possível.

Como ela não possuísse outra habilidade além de cuidar da casa, fêz disso um meio de vida para sua família. Ela lavava roupa para várias famílias ricas, cozinhava, limpava e tratava de doentes. Esse trabalho, da maneira que vovó o fazia não era humilhante. Era um serviço glorioso, feito com tanto ânimo e amor sem limites que ela ganhou a afeição de todos aqueles a quem serviu.

Quando Henry Kelsey, um viúvo da vizinhança, vinha cortejar vovó, seus filhos a aborreciam sem piedade. Henry era magro, homem de meia estatura que falava macio. Ele tinha um bigode grosso, com as pontas viradas para baixo, que quase cobriam todo o lábio inferior. E quando eu era criança ficava fascinada vendo-o tomar devagarinho o seu "chá Brigham". Sempre parecia que o bigode estava dentro da xícara, e êle o enxugava cuidadosamente com a mão desocupada, depois de cada gole.

Nada conseguiu afugentar Henry. Eles se casaram e constituíram o casal mais devotado que já conheci. Henry negociava com cavalos, e vovó freqüentemente observava com amor que "Henry nunca levava a melhor num negócio". Eles foram pobres durante tôda a vida, mas os anos que passaram juntos foram cercados da mais completa felicidade, coisa que bem poucos

conseguem numa vida em comum. Henry morreu aos 81 anos de idade e vovó ficou desolada. É bem verdade que êle não queria deixar sua namorada, tanto que morreu sentado em sua velha poltrona verde, perto do fogão da cozinha, comendo um pedaço de torta de maçã feita por sua espôsa.

Tôdas as crianças da vizinhança adoravam vovó. Elas podiam vir bater à sua porta em duas ou em dúzias, porém nunca se iam de mãos vazias. Se o pote de doces estivesse vazio, sempre havia as deliciosas fatias de pão feito em casa, nas quais ela passava manteiga e mel. Quando vovó ficou doente, uma fila de crianças se sucedia constantemente ao lado de sua cama, oferecendo-lhe confôrto. Após sua morte, nós encontramos centenas de pequeninos presentes trazidos a ela por aqueles que queriam de uma maneira ou de outra demonstrar sua afeição.

Meu pai casou-se com Annie May quando tinha 19 anos de idade, e ela contava apenas 16. "Não importa a que hora chegássemos de um baile", diz meu pai, "vovó estava sempre acordada e esperando com a luz da cozinha acesa, chocolate quente para aquecer-nos, e docinhos e sanduíches se acaso estivéssemos com fome.

As preocupações de todo o mundo pertenciam a vovó; as tristezas de todos os seres vivos eram as suas tristezas. Sempre cuidava de mais de oito gatos e gatinhos abandonados. Para vovó não existia gente má; havia somente pessoas infelizes e pessoas mal-compreendidas.

Lembro-me perfeitamente de uma noite de verão tempestuosa e cheia de terror. Minha irmã e eu tínhamos ficado em casa para tomar conta dos irmãozinhos menores, enquanto papai e mamãe iam a uma festa no vale.

A tempestade caiu de repente e com a primeira trovoadas as luzes se apagaram. Naquela completa escuridão, as crianças ficaram assustadas e começaram a chorar. O bebê imediatamente irrompeu num berreiro tremendo. Tentando preparar a mamadeira no escuro, eu virei a panela de leite no chão.

Nós nem precisamos ir procurar a vovó, pois ela não tinha se esquecido de nós. Assim que entrou no quarto as crianças pararam de chorar. Ela fêz com que nos acerçássemos dela, e nós nos ajoelhamos para orar por aqueles que estavam no vale para que pudessem voltar sem perigo. Todo temor desaparecera. A paz que ela levava em sua própria alma aqueceu-nos e nós não sentimos mais medo algum. Todos chegaram em casa logo depois com um grande congelador cheio de sorvete que não puderam comer por causa da tempestade. E assim, com vovó e com os vizinhos, nós tivemos uma festa.

(continua na página, 334)

os missionários começaram a explicar o Evangelho aos homens que encontraram na sala de espera, falando e descansando no quarto. Esses homens mostraram grande interesse na mensagem do Evangelho a qual ouviram pela primeira vez.

Durante a conversação, Pancho Villa passou pelo quarto. Um dos homens chamou-o para vir e escutar, dizendo: "Êstes homens estão tentando fazer com seu Evangelho o que nós estamos tentando fazer com nossas armas". "Sim", respondeu Villa, pela primeira vez dirigindo-se aos missionários; "Eu sei tudo sobre o povo Mórmon. Eu estive em sua colônia, eles são bons e pacíficos. Mas essa não é hora de se estar fazendo trabalho missionário!"

Pancho Villa havia vivido previamente com uma família Mórmon no estado de Sonora. Devido ao profundo respeito que tinha por essa família, evitava sempre capturar as colônias Mórmons em suas conquistas.

O Presidente Bentley e os dois missionários foram finalmente libertos e voltaram para suas casas.

Os primeiros pioneiros a se estabelecerem na área onde os três missionários começaram sua viagem interrompida foram Mórmons. Essas pessoas vieram a Chihuahua para fugir à perseguição religiosa que lhes estava sobre vindo em várias partes dos Estados Unidos. Procuravam um lar permanente onde pudessem educar os filhos dentro dos padrões da Igreja.

Os pioneiros sofreram opressão e fadiga para estabelecer suas novas casas, mas seus esforços tornaram-nos pessoas fortes e destemidas e isto aumentou sua fé no Senhor.

Sua influência espalhou-se e outras colônias Mórmons foram implantadas no México.

Quando o conflito entre o governo federal e o grupo revolucionário findou, missionários de ambas as colônias, Mórmon e dos Estados Unidos foram designados para executar missões nas maiores cidades do México.

As principais cidades do Norte foram iniciadas por missionários dedicados que andavam pelas cidades levando tudo que possuíam. O missionário típico usava um terno escuro e um alto chapéu, carregava uma esteira debaixo de um braço e as obras padrão no outro. Armados com essas coisas, e com sua grande fé na causa do Senhor, esses missionários lograram fundar alguns Ramos que agora constituem a Missão Mexicana do Norte.

Um decréscimo no trabalho missionário sobreviveu quando uma legislação foi posta em vigor pelo governo mexicano para confiscar todas as propriedades pertencentes às igrejas. Essa

lei foi posta em vigor devido a dificuldades políticas causadas pelo domínio da Igreja Católica Romana. A intenção era evitar que o clero católico entrasse no México e extraísse dinheiro do país a fim de enviá-lo a Roma. Contudo, a lei afetou todas as religiões e os missionários Santos dos Últimos Dias ficaram impossibilitados de entrar no México como antes eles o faziam.

Num esforço para manter o trabalho missionário, delegados Mórmons foram à Cidade do México a fim de discutir o problema. O Presidente da República, em conferência com eles advertiu-os de que a lei não tinha sido feita para os Mórmons, mas para os católicos. Os esforços missionários continuaram embora a lei continuasse inalterada.

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias no México cresceu, e hoje em dia, há um grande programa missionário. Foi tão bem sucedido o trabalho missionário naquêlo país que em junho de 1956, a missão foi dividida. A Missão Mexicana do Norte tem sua sede em Monterrey, e a Missão Mexicana tem sede na Cidade do México.

Dos 130 missionários existentes no México quando da divisão, 60 foram para a Missão Mexicana do Norte. Antecedendo esse tempo, todos os esforços foram concentrados na parte leste das Montanhas de Sierra Madre. Mas, com a divisão, várias cidades foram abertas para o trabalho missionário na costa Oeste, bem como muitas pequenas cidades nos declives Leste.

Quando os missionários entraram na cidade de Obregón na costa Oeste, já encontraram a cultura de outros Mórmons que haviam lá estado muitos anos antes. Aos novos missionários foi logo indicada a casa de uma família Mórmon. Essa família havia batizado algumas pessoas na cidade e ainda outras estavam devéras interessadas no Evangelho. Com braços abertos a família saudou os missionários e expressou sua alegria pois que agora o trabalho do Senhor poderia continuar lá. Dentro de pouco tempo, muitos batismos foram obtidos.

O Ramo cresceu rapidamente. O trabalho missionário aumentou. Uma casa alugada com uma sala-de-estar que servia para suas reuniões, foi substituída por uma grande construção. Mais dois missionários foram enviados para a cidade.

Dentro de 4 meses, cerca de 10 pessoas por mês estavam sendo batizadas. Duas missionárias vieram para o Ramo a fim de organizar a Primária e a Sociedade de Socorro. Em somente um ano, os membros da Cidade de Obregón haviam crescido de uma família e seus amigos (um total de nove pessoas), para 101 membros!

Em Sonora outros missionários encontraram pessoas esperando pelo Evangelho. Em uma ocasião êles visitaram uma senhora viúva, bem idosa, que mostrou estar interessada em sua mensagem. Depois de terem terminado a primeira lição, a senhora disse: "Eu gostaria de contar-lhes um sonho que tive há alguns anos atrás, o qual não posso esquecer." Então, ela relatou o sonho onde tomava conhecimento de que dois jovens viriam algum dia à sua porta trazer a mensagem do Evangelho Eterno. No dia em que os missionários chegaram ela sabia que a mensagem era verdadeira, e então pôde segui-la fielmente e ajudar outras pessoas a aceitá-la também. Essa senhora aceitou o Evangelho, continuou a progredir e foi batizada, e agora ela tem um cargo em um novo Ramo.

Muitas outras cidades da região Norte do México têm sido abertas com igual sucesso. Para assegurar um programa eficaz nessas cidades, todos os missionários recebem agora aulas de espanhol e instruções sobre a missão antes de ir para o campo missionário. Uma vez no campo, êles recebem mensalmente visitas de líderes supervisores e Presidentes de distrito.

Hoje em dia há 138 missionários na Missão Mexicana do Norte. Este é um período fértil, e com o tempo haverá, possivelmente, uma terceira missão no México.

Pancho Villa estava enganado: "Era, na verdade, ocasião para um trabalho missionário, e ainda o é...!"

MILAGRES

(continuação da página. 315)

"Ele se teria restabelecido de qualquer maneira", dizem muitos dos que usam só a razão, após uma cura. Alguns também se esquecem de que o total dos conhecimentos científicos possuídos pelos mais hábeis praticantes estava com o Senhor, o médico mestre desde o comêço, e foi concedido a pesquisadores diligentes nos tempos modernos. Êles não enxergam que cada herba e substância existiu desde os dias de Adão. E sobretudo, não se dão conta de que o Criador pôs em cada corpo a faculdade de se curar por si mesmo. Os cirurgiões podem limpar, desinfetar e costurar um ferimento; mas somente o poder de cicatrização, inerente de cada filho de Deus, pode curar a ferida. Nossos cientistas adestrados são apenas ajudantes do Senhor em Sua obra de curar e recriar; e quão gratos somos a êstes cientistas!

Admitir a ausência de milagres entre um novo, é reconhecer que a sua fé degenerou, que suas vidas não estão sendo harmoniosas, e que o verdadeiro Evangelho não está com êle, porque a fé genuína sempre trará os sinais.

Procurar ser testemunha de um milagre, significa ser classificado como os fariseus e escribas, dos quais o Salvador disse: "A geração má e adúltera pede um sinal:..." (Mat. 12:39).

"Ai daquele que renegar as revelações do Senhor, e que diga que o Senhor já não obra mais por meio da revelação ou profecia, ou por dons e por línguas, ou por curas, ou pela força do Espírito Santo!

"Sim, ai daquele que disser nesse dia, em seu próprio interesse, que Jesus Cristo não pode fazer nenhum milagre;..." (III Nefi, 29:6-7).

O profeta Mórmon disse a seu povo, que igualmente se tinha colocado fora da fé e não acreditava mais em milagres:

"Vós todos que imaginastes um Deus que não podia fazer milagres... Deus não deixou de ser um Deus de milagres.

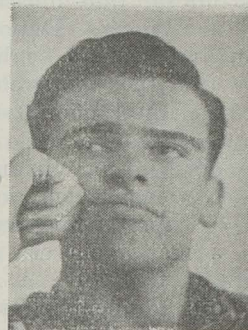
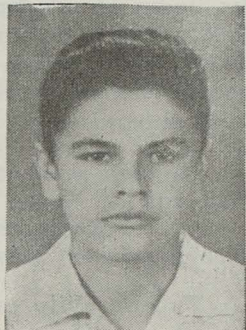
"E se houve milagres (nos dias dos apóstolos), porque deixou Deus de ser um Deus de milagres, sendo, contudo, um ser imutável? E, eis que vos digo que êle não muda; e se mudasse, deixaria de ser Deus; mas Êle não deixa de ser Deus, e é um Deus de milagres.

E o motivo porque Êle cessa de fazer milagres entre os filhos dos homens é porque êstes se degeneraram em descrença e saem do bom caminho e desconhecem a Deus em quem deveriam confiar." (Mórmon 9:15, 19, 20).

Deus é o mesmo hoje como nos velhos dias. Se houver menos milagres hoje do que em tempos antigos, isto apenas indica fé reduzida, e substituída pelo raciocínio. O Espírito Santo está aqui. O Sacerdócio está entre nós, em muitos lares. As bênçãos nos chegam mais ou menos proporcionalmente à lealdade. Talvez o Senhor limite nosso poder à extensão de nossa fé e de nosso julgamento. Um poder ilimitado nas mãos dos tolos seria como uma bomba explosiva na mão de uma criança. Existem milagres em grande número na Igreja hoje, como em dias antigos. Êles são espetaculares e comuns, como em outras épocas, sendo provas confirmatórias do Evangelho divino. A combinação dos mesmos elementos nas mesmas proporções, sempre traz os mesmos resultados, sem falha. Viver o Evangelho implica em atrair sempre as mesmas bênçãos. E sinais seguirão os que crêem.

Traduzido por Rodolpho Alberto Raeder.

Notícias do Sacerdócio Aarônico



Tendo preenchido certos requisitos, alcançaram o "Certificado de Honra ao Mérito no Sacerdócio Aarônico" da Missão Brasileira em 1959; 1.^a fila: João Eduardo Kemeny, Ramo de Vila Mariana; José Fernando Martins, Ramo de Piracicaba; João Batista Ribeiro, Ramo de Juiz de Fora; Kim M. Russell, Ramo de Ipa-

nema; 2.^a fila: Antonio Saiki, Ramo de Santana; Werner Sporn, Ramo de Pinheiros; Frederico Zálit, Ramo de Santo André. Faltam ainda dois cujas fotografias não recebemos: Carlos Fusco, Ramo de Vila Mariana; Klavsmer Consiglio, Ramo de Vila Mariana.

Conferências Distritais na Missão Brasileira

O mês de agosto assistiu a cinco admiráveis conferências na Missão Brasileira, que foram coroadas de entusiasmador sucesso. Em Araçatuba, a Conferência do Distrito de Bauru esteve especialmente animada, com os inúmeros visitantes que se juntaram aos membros. Os novos irmãos de Rio Preto apreciaram sobremaneira as diversas reuniões, uma vez que era sua primeira oportunidade de assistir a uma conferência distrital. Seguiu-se a conferência do Distrito de São Paulo, com uma frequência de mais de 275 pessoas em todas as sessões. Um dos acontecimentos mais notáveis foi a festa promovida no terreno da futura capela, no sábado à noite, com barracas festivas e demonstração de talentos. A nova capela, que está sendo construída naquela propriedade, estará completada no encerramento do corrente ano. A presidência do distrito conduziu as

sessões do domingo com maestria, e os temas da conferência foram "As bênçãos do Consolador" e "Os Mensageiros da Salvação", abordados por excelentes oradores. Na semana que se seguiu, o Distrito de Juiz de Fora promoveu sua conferência na bela cidade de Belo Horizonte. Três excelentes irmãos foram chamados pelas autoridades para dirigir aquele núcleo de crescimento acelerado da Igreja de Cristo, como sua presidência do ramo. O mesmo espírito de excelência foi registrado na inspiradora conferência de Ribeirão Preto, onde o Distrito de Rio Claro confraternizou-se naquela agradável cidade, e finalmente, realizou-se a Conferência do Distrito de Rio de Janeiro, onde a Nova Era se faz evidente no progresso da Igreja. Todas as sessões foram presididas pelo Presidente William Grant Rangerter, líder espiritual da Missão Brasileira.

O Dom do Espírito Santo

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 11

Preparado como suplemento à mensagem dos mestres-visitantes de Novembro de 1960.

Uma das grandes necessidades do homem é a da sociabilidade. Deus organizou as coisas de tal forma a que possamos gozar dessa bênção durante toda a vida. Entramos no mundo nascidos de mães que se tornam nossas primeiras companheiras e amigas, oferecendo-nos amor e segurança. Nossos pais, irmãos e irmãs entram imediatamente em seguida para nossas vidas, e o círculo logo se estende de forma a incluir outros parentes e colegas. A medida que o tempo vai se escoando, o número de nossos conhecidos aumenta até aquele ponto decisivo em que escolhemos um companheiro especial para toda a eternidade. Então vêm os filhos nascidos de nós mesmos, os netos, parentes e afins, colegas e conhecidos. Nós buscamos e logramos colocar em degraus diferentes nosso lugar na sociedade, tentando querer e ser querido, apreciar e ser apreciado, amar e ser amado.

Há uma companhia muito preciosa, à qual temos direito por causa da afiliação à Igreja. É o companheirismo do Espírito Santo. Este dom nós o recebemos pela imposição das mãos, de servos autorizados por Deus. Esta companhia é diferente de todas as outras, mas precisa ser cultivada como as demais, se pretendemos obter dela o benefício maior. Isto poderemos conseguir por nos mantermos perto de Deus, guardando Seus mandamentos e deixando nossas vidas ser guiadas por Sua vontade. Se fizermos isso humilde e sinceramente, temos a promessa de que andaremos, como faziam os apóstolos da antiguidade, com o Espírito da Verdade como nosso companheiro, constantemente.

E que bênção isto significa! Através do Espírito Santo nós aprendemos, recebemos entendimento e somos confortados. Nós recebe-

mos testemunho — tão essencial à salvação — de que Jesus Cristo é na verdade nosso Salvador. (João 15:26). Ganhamos testemunhos da divindade desse Evangelho e percebemos nossa responsabilidade e privilégio para com Ele. Quando obstáculos temporais se nos defrontam, temos a confiança de que o Senhor está vigiando sobre nós, e que é Ele quem sabe enfim o que é melhor para nós. Somos fortalecidos quando tudo falha. Ganhamos discernimento da personalidade mesma de Deus, e podemos começar a criar um companheirismo recompensador com Ele também.

A cêrca da natureza física e característicos pessoais do Espírito Santo, nosso conhecimento é limitado: é um personagem de espírito, um Ser independente e distinto do Pai e do Filho. Porém, do trabalho de seu espírito em nossas vidas, sabemos muito, e quanto mais conhecemos menos preocupados ficamos com aquilo que não conhecemos e tanto mais interessados nos sentimos em viver à altura daquilo que já conhecemos.

Do começo da vida ao seu fim, fazemos companheiros, associações, amigos — e nos lembramos deles como de algumas das mais primorosas de nossas experiências terrenas. Aqui também precisamos ser parciais e seletivos, porque o número dos que poderemos conseguir será necessariamente limitado. Não devemos em nossa seleção, menosprezar o Espírito Santo, por que sua companhia poderá ser a mais proveitosa que conhecemos. É correto que façamos isso, pois somente dessa maneira podemos desenvolver em nós os atributos necessários à divindade, para que possamos um dia nos regozijar na presença de Deus.

SEU RAMO

A CARAVANA QUE PARTICIPOU DA CONFERÊNCIA DISTRITAL DE JOINVILE

Para a apresentação da peça "Louvai ao Senhor" e participação na Conferência Distrital de Joinville, partiu no dia 21 de agosto de 1960, uma grande caravana de Curitiba, com mais ou menos 50 pessoas.

A peça foi dirigida pelo irmão Ismael Cordeiro Júnior, que contou com a colaboração dos irmãos Líneu de Paula e Irmã Felber, nas regências do côro orfeônico e do côro de narração, respectivamente. Foram notáveis os esforços desses irmãos, bem como os de todo o elenco artístico participante.

A passagem pelo preço de quatrocentos cruzeiros, o sacrifício da viagem e a responsabilidade que os componentes assumiram nessa relevante missão, valeram pelo manancial de bênçãos que recebemos de nosso Pai Celestial, com os incomparáveis ensinamentos que iremos aplicar para o aperfeiçoamento de nossas vidas.

Queremos registrar o trabalho do Elder Nelson Aidukaitis, gravando os sons dos instrumentos e orientando os diretores nos detalhes técnicos.

A nota extraordinária da viagem, foi a integração da família Sorensen, com exceção da Sister Ida, na nossa caravana. O Presidente Sorensen participou de todas as nossas brincadeiras, surpreendendo-nos com muitas canções e cantando conosco todos os hinos pátrios, que demonstrou conhecer perfeitamente. Era o pastor rodeado de suas ovelhas, o amigo que convivia com seus semelhantes; era o grande e enérgico Presidente dando-nos lições de humildade.

Foi para nós uma feliz experiência essa viagem, onde sentimos a pujança da criação Divina na contemplação da natureza, o poder do Espírito Santo na inspiração de todos os nossos trabalhos e na pregação dos oradores da Conferência, — destacando-se o discurso do Presidente Sorensen e o da Sister Olpin, que ao encerramento da última sessão presenteou-nos com o seu talento e espiritualidade numa dádiva que guardaremos para sempre, ou seja, a dádiva do amor puro que só os Santos possuem.

Agradecemos a você, Sister Olpin, pois levando essas orquídeas que Joinville lhe ofereceu, estará viajando de retorno ao seu lar com o perfume da nossa gratidão. Que Deus a recompense, é a nossa invocação.

Desta página fazemos público o nosso agradecimento a todos os membros de Joinville, pela simpática acolhida que nos proporcionaram e exortamos a todos para que Louvem ao Senhor com toda convicção.

Elder Bernardino Plácido da Silva

RAMO DE LONDRINA

No dia 25 de junho, apesar da nossa cozinheira, a presidente da A.M.M. estar doente, os oficiais realizaram uma festinha Caipira, com uma formidável canção. Gostaria antes de tudo de agradecer a colaboração tão espontânea da nossa amiga Odilse, e de nossas irmãs Jane e Cida, que com os seus esforços cooperaram para que tudo saísse da melhor maneira possível. As 120 pessoas presentes, partiram satisfeitas com a brincadeira dançante que houve. Esta festinha rendeu Cr\$ 1.100,00 para o Fundo da Conferência dos Jovens.

A nossa A.M.M. está progredindo com a nova programação que recebemos, e os bons professores para os jovens, sendo que a classe dos adultos apresenta diversões pitorescas para animar suas aulas formidáveis. Os nossos corações se sentem sensibilizados pelos bons programas que recebemos.

Sinceramente, não gostaríamos de esquecer a Associação da Primária que está se salientando como uma das melhores de nosso ramo, com frequência de crianças que não pertencem à Igreja.

A Primária fez as honras da casa na Festa dos Pioneiros do dia 23 de julho, com trajés típicos e tudo, onde 17 crianças brincaram e comeram doces deliciosos. A A.M.M. promoveu às 20 horas, no fundo do quintal e em volta de uma pequena fogueira, o programa dado pela casa da Missão. Sentimos o Espírito Santo conosco e com os oradores que, com palavras simples e humildes aos visitantes, os levaram através dos Estados Unidos, junto com os valorosos pioneiros e sua grandiosa fé, até à bela Salt Lake City. Vimos filmes com a História dos Pioneiros, e comemos uma formidável canção, desta vez preparada pela nossa presidente, Emery Silva. Após a reunião organizamos uma brincadeira dançante, e compareceram cerca de 80 pessoas entre as quais um irmão de Curitiba.

Eoremi Vincoletto.

CONHEÇA A VERDADE

(continuação da página, 313)

Somos convertidos pela inspiração, o dom do Espírito Santo.

Aceitamos e aprendemos o Evangelho.

Ensinamos o Evangelho a outros.

Sua divindade é revelada àqueles que buscam a verdade pelo dom e pela força de Deus.

E é isto que encontramos nas escrituras: "...buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vo-á." (Idem. 7:7).

Nós devemos agir por nós mesmos. Devemos iniciar nossa própria busca da verdade por nossa livre e espontânea vontade. Assim fazendo, o Senhor nos magnifica e enche nossa

alma com seu Santo Espírito e leva-nos à fé e ao arrependimento. Depois de termos recebido e compreendido a palavra, nós aceitamos o Evangelho e prestamos obediência a ele.

Nossas 3.^a e 4.^a regras de fé dizem:

"Cremos que por meio do sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e regras do Evangelho.

"Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, Fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, Arrependimento, terceiro, Batismo por imersão para a remissão dos pecados; quarto, Imposição das mãos para o dom do Espírito Santo".

Expressamos nosso amor e devoção a Deus por nossa conversão, levando a Sua palavra a outros do mesmo modo que a recebemos. Nós passamos nossa vida ensinando o Evangelho a nossos irmãos na Igreja, em nossos lares, e em todas as nossa reuniões de adoração.

Nós revelamos as verdades do Evangelho a nossos vizinhos e a nossos amigos próximos e afastados. Cumprimos nossa missão na terra, tentando seguir neste particular e em todos os outros, o encargo, o exemplo e os ensinamentos de Cristo, nosso Senhor.

Depois que Pedro e os apóstolos foram comissionados a pregar a toda a nação, nós os vemos em seguida, pregando realmente o Evangelho, e a primeira história registrada de seus trabalhos missionários consta do seguinte:

“E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;

“E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

“E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

“E todos foram cheios de Espírito e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

“Saiba pois com certeza toda a casa d’Israel, que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

“E ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos:

“Que faremos, varões irmãos?

“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo;

“Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. (Atos 2:1-4, 36-39).

“Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer.

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor.

“E envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado.

“O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.

“Porque Moisés disse: O Senhor vosso Deus levantará dentre vossos irmãos um pro-

feta semelhante a mim: a ele ouvireis em tudo quanto vos disser.

“E acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo”. (Idem. 3:18-23).

“Então Pedro, cheio do Espírito Santo lhes disse: Principais do povo, e vós, anciões de Israel.

“Visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um enfermo, e do modo como foi curado.

“Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo d’Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós.

“Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta, por cabeça de esquina”. (Idem. 4:8-11).

Hoje passados 130 anos de existência da Igreja restaurada de Jesus Cristo, o espírito que esteve com Pedro e seus companheiros de então, tem acompanhado os élderes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Desde 1830 nós temos tido em todo o mundo, jovens, tanto homens como mulheres que, devido ao seu amor pelo Evangelho e ao testemunho de sua divindade, recebido do Espírito Santo, pregam o Evangelho em toda a sua verdade e pureza.

Eles dedicam seu tempo e seus meios a cumprir esta missão, para chamar todos ao arrependimento e ensinar o plano de vida e salvação do Senhor, dado a nós.

O Evangelho foi restaurado na terra em sua plenitude, em sua simplicidade e pureza, nestes dias, pela instrumentalidade do Profeta Joseph Smith.

Como Paulo, desde então, eles dizem e dizem com corações cheios de pureza e mãos limpas, ao dedicarem suas vidas a seus trabalhos missionários:

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.

“E eu estive convosco em fraqueza e em temor, e em grande temor.

“A minha palavra, e a minha pregação, não consistem em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e poder;

“Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.

“Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são aquelas que Deus preparou para os que o amam.

“Mas Deus nô-las revelou pelo seu Espírito, porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.

“Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim, também, ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus”. (I Cor. 2:2-5, 9, 11).

Todo converso, ainda hoje, tem êsse desejo em seu coração de contar aos outros o que êle encontrou. Há alegria em conhecer a verdade, e há alegria em compartilhar dela com os demais. Êste é o dom do Espírito Santo. É o verdadeiro sinal da nossa conversão. Nem todos os membros de nossa Igreja deixam seus lares para viajar em missão pelo mundo, meus amigos, levando o Evangelho aos lares, mas dentro da esfera de sua influência, nossa gente continua através da vida a prestar seu testemunho da existência de Deus e isto lhes proporciona aquela paz que pode vir somente de nosso Pai que está nos céus.

Como élderes em Israel, nós hoje temos a responsabilidade de levar sua palavra ao mundo e proclamar arrependimento aos filhos e às filhas de nosso Pai Celestial. Nossos irmãos e irmãs que agora nos ouvem em todo o mundo, e que talvez não sejam de nosso número, deixem-nos pedir-lhes que dêem aos nossos missionários a oportunidade que êles tão honestamente procuram, de levar a vocês os mais simples princípios do Evangelho, assim como foi ensinado por Jesus Cristo. Êsses missionários chegam até você trazendo consigo o Sacerdócio de Deus. Êles receberam sua fôrça e autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças. Já levaram a alegria a centenas de milhares no passado, e hoje, todos estamos aqui como resultado de trabalho semelhante, por parte de antigos missionários.

Meus amigos, vocês nunca poderão dar de ombro, pois nós declaramos com tóda a sobriedade que Deus vive e que Êle falou de novo, diretamente dos céus, e que êle mais uma vez restaurou sua fôrça e seu sacerdócio na sua antiga forma e pureza, sôbre aquêles dentre nós a quem chamou para continuar a sua obra nesta dispensação do tempo, na qual foi reunido tudo o que Êle deu a seus filhos em tódas as anteriores gerações do homem, conforme previsto através de seus profetas antigos.

FÉ, ESSA CONQUISTADORA

(continuação da página, 311)

Ka-pu-rats, na linguagem Pitute, significa um braço amputado. O Major Powell havia perdido um braço na passada guerra entre os estados do norte e do sul.

Nós possuímos a fôrça e a autoridade para conferir estas mesmas bênçãos sôbre tódas as nações, como as bênçãos que foram dadas pelos apóstolos antigos às nações nas quais êles serviram como missionários.

Daniel nos diz que:

“Nos dias dêstes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; êste reino não passará a outro povo; esmiuçarâ e consumirá todos êstes reinos, mas êle mesmo subsistirá para sempre”. (Daniel 2:44).

João o Revelador, deu-nos uma das mais belas predições de tóda a restauração do Evangelho nestes últimos dias, quando disse:

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para proclamar aos que habitam sôbre a terra, e a tóda a nação, e tribo, e língua, e povo.

“Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo.

“E adorai aquêle que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. (Apoc. 14:6-7).

Estas profecias foram preenchidas em larga escala. O Evangelho foi restaurado aqui na terra e Deus continua a engrandecer aquêles sôbre quem colocou sua autoridade nestes últimos dias para servir seu povo e guiar e dirigir os honestos de coração em todo o mundo para os caminhos da verdade e da retidão. Nós declaramos com grande solenidade que fomos chamados por Deus, e que levamos sua palavra ao mundo pela virtude da sua fôrça e autoridade. Nós invocamos suas bênçãos sôbre tóda a humanidade, e particularmente que seus corações possam ser abertos, e seus desejos possam ser dirigidos para a retidão e a verdade quando fôr apresentada a êles por seus servos devidamente ordenados e constituídos — os missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Deus os abençoe, e também a nós e a todos os que dão ouvidos a seus ensinamentos, nós oramos humildemente neste dia, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Quer me parecer que uma parte desta operação descrita pelo Major Powell em suas “Explorações do Colorado”, não estaria mal colocada aqui:

“Hoje ao anoitecer, os Shi-vvits, por quem havíamos mandado chamar vieram até nós e, após o jantar, mantivemos uma longa entre-

vista. Formou-se logo um fogo crepitante, e ao redor dêle nós nos sentamos — os índios daqui, os Shi-vvits, Jacob Hamblin e eu. Esse homem, Hamblin, conhece bem a língua dêles, e possui grande influência nas regiões aqui em derredor. É homem silencioso, reservado, e quando fala, de uma forma vagarosa e calma, inspira grande respeito. Fala tão baixo que os índios precisam prestar grande atenção para ouvi-lo, e sentam-se ao redor dêle em silêncio mortal. Quando termina uma bem medida sentença, os chefes repetem-na, e todos emitem um solene grunhido.

“O Snr. Hamblin entabulou conversação com um dos homens e o reteve mesmo após os outros terem se retirado, e descobriu então mais particulares concernentes à morte dos três homens. Eles atingiram a aldeia índia quase que completamente desfalecidos de fome, e exaustos de fadiga. Receberam comida e foram postos a caminho dos povoados. Logo após sua partida um índio da margem leste do Colorado chegou à aldeia, e lhes relatou que um certo número de mineiros em estado de embriaguês haviam morto uma mulher índia, e sem dúvida eram êsses os homens. Nunca ninguém havia conseguido descer a garganta; isto era impossível; êles é que estavam tentando esconder sua culpa. Desta forma incitou-os a uma grande fúria. Os índios seguiram e cercaram os homens em emboscada, crivando-os de flechas.

“Naquela noite eu dormi em paz, apesar dêsses assassinos de meus homens e seus amigos os U-in-ka-rets, não estarem dormindo a mais de quinhentas jardas além. Enquanto acampávamos no canyon, nossa bagagem e mantimentos, que bastariam para que qualquer índio se considerasse mais rico do que jamais sonhara, ficaram todos ao encargo dêles, e com grande segurança; nem ao menos um torrão de açúcar foi surripiado pelas crianças.”

Após êsse conselho com os índios, o Major Powell deixou sob minha custódia todo o suprimento e bagagem, instruindo-me a explorar as áreas da região leste, norte e sul. Isto me proporecionou uma excelente oportunidade de levar avante minha missão para com os laminitas.

Mantive muitas interessantes palestras com êles. Esforcei-me por leva-los à compreensão de que havia uma Providência que cuidava de tudo, que tinha muito interesse nos assuntos referentes aos homens; que Deus não se agradava com o derramamento de sangue, e que êles deveriam parar de matar homens,

mulheres e crianças, tentando estar em paz com todos.

Êsses ensinamentos não pareceram surtir muito efeito na ocasião, porém mais tarde produziram bons frutos.

CAPÍTULO XVII

No outono de 1871, o Major Powell resolveu seguir para o leste, via Fort Defiance, e desejou que eu o acompanhasse. E porque isto me soasse como ensejo para a muito almejada entrevista com os navajos, aceitei pressurosamente o convite.

Partimos para Fort Defiance em Outubro. Três homens que me eram estranhos nos acompanharam, bem como os Irmãos Ammon M. Tenney, Ashton Nebeker, Nathan Terry, e Elijah Potter; e ainda Frank, um índio Kibab.

Sobre o monte Buckskin ou Kibab, carregamos nossas mulas de lenha, que transportamos até a travessia do Colorado agora conhecida como Lee's Ferry. Com ela construímos uma pequena jangada, para baldear nossa bagagem. Os animais atravessaram o rio a nado.

Viajávamos à noite, a maior parte do caminho, para proteger nossos animais contra pilhagens dos índios. Visitamos tôdas as aldeias Moquis, em número de sete, mantendo muitas palestras interessantes com o povo. O Professor Powell prestou-me muita assistência na promoção da paz com os navajos. Cêrca de seiscentos dêles estavam agrupados lá, para receber suas anuidades.

Os chefes da nação foram chamados a reunir-se em conselho. Todos os principais chefes, menos um, e todos os sub-chefes menos dois compareceram. O Capitão Bennett, agente indígena, o seu intérprete, e o Irmão Ammon M. Tenney também estavam presentes.

O Major Powell explicou o objetivo da entrevista, apresentando-me ao conselho como representante do povo que vivia a oeste do Rio Colorado, chamado “Mórmon”. Êle declarou que havia morado e viajado entre as pessoas de lá, e daquela convivência chegara a formar uma excelente opinião a cêrca dêles. Eram um povo industrioso, que pagava impostos em comum com os demais cidadãos dos Estados Unidos, impostos dos quais eram retiradas as anuidades que os navajos recebiam.

Ao fim de suas palavras de apresentação, levantei-me e falei durante uma hora. Declarei que o objetivo de minha visita era ter uma conferência com êles, e esforçar-me por promover melhor compreensão entre os navajos e meu povo, os “Mórmons”, estabelecendo a paz e as relações amistosas.

Expliquei-lhes alguns dos males provenientes daquela guerra que se tinha iniciado com a morte de dois homens e o roubo de seu gado; disse-lhes que conquanto tivessem logrado levar de nós muitos cavalos e mulas, haviam também perdido vinte ou trinta homens. Que nossos jovens rapazes tinham desejado penetrar em seu território matando-os e expulsando-os, mas haviam sido aconselhados a ficar em casa até que outros métodos para obter a paz fossem tentados, e tivessem todos fracassado.

Eu lhes disse que estivera mais ou menos relacionado com os índios do outro lado do grande rio durante anos, e descobrira que os Moquis eram forçados a vigiar seu gado constantemente se não os navajos os roubariam; e que por sua vez os navajos estavam sob a mesma premência. Nenhum deles poderia ter confiança de perder de vista seus rebanhos, temendo nunca mais voltar a vê-los. Ninguém ousaria enviar os animais para as pastagens das montanhas onde a grama era abundante, e como resultado seu alimento empobrecia e mesmo chegava a faltar.

Continuando eu disse: "Se refletirem no resultado de suas operações, verificarão que é uma política muito má, e que seria bem melhor estar em paz com seus vizinhos e com todos os homens. Eu vi muita grama, e vários poços em ambos os lados do rio. Se víssemos em paz uns com os outros, poderíamos aproveitar-nos de todas essas terras, grama e água, tornando-nos ricos, possuindo tudo o que necessitássemos. Nossos cavalos e carneiros engordariam. Dormiríamos em paz e nos despertaríamos para ver nossas propriedades em segurança, na manhã seguinte. Vocês não podem verificar que esta seria a melhor forma?"

"Espero que dêem ouvidos a esta palestra. Que direi a meu povo, os "Mórmons" quando voltar para casa? Que poderemos viver em paz, como amigos, e comerciar uns com os outros? Ou devemos esperar que vocês fiquem rondando nossos povoados indefesos, como lobos à noite? Eu espero que vivamos em paz daqui por diante. Agora eu já trago os cabelos grizalhos na cabeça, e desde a minha mocidade tenho estado nas fronteiras, fazendo o possível para preservar a paz entre os brancos e os índios.

"Eu aborreço esta mortandade e êste derramamento de sangue. Espero que vocês parem com isso, e venham visitar-nos, trazendo mercadorias para comerciar com nosso povo. E nós gostaríamos de ouvir o que têm a dizer antes que retornemos a casa."

Enquanto me assentava, notei lágrimas a brotarem dos olhos de Barbenceta, nome espanhol do principal chefe dos navajos.

Êle aproximou-se vagarosamente, circundando-me com seus braços ao dizer, "Meu amigo e irmão, eu farei o possível para levar a efeito tudo o que nos aconselhou. Nós não daremos uma resposta agora, todos nós. Muitos navajos estão por aqui. Falaremos a êles esta noite, e o veremos em seu retorno para casa."

Os principais chefes passaram boa parte da noite considerando o assunto com seu povo. O Capitão Bennett, agente e oficial do exército dos Estados Unidos disse que eu não poderia ter falado melhor no sentido de pacificar os navajos, e manifestou uma atitude muito amistosa, fornecendo-nos liberalmente de mantimentos para o retorno.

Êsse conselho reuniu-se no dia 2 de novembro de 1871. As bênçãos do Senhor estavam conosco em nossos esforços pela paz.

Esta foi, provavelmente, a primeira vez que os chefes dos navajos ouviram um discurso do Evangelho, adaptado às circunstâncias; e ainda, a primeira vez que ouviram dos lábios de um homem branco uma fala que contivesse o espírito e o poder de uma amizade verdadeira. E o coração de muitos deles estava aberto para atender ao seu apêlo.

Passamos três dias em Fort Defiance, esforçando-nos por desenvolver uma boa aceitação e preparando nossos suprimentos. O Irmão A. M. Tenney, que sabia conversar em espanhol, logrou auxiliar-nos muito.

No caminho de volta, entramos em uma aldeia Moquis. Lá encontramos o principal chefe navajo, os chefes que não tinham estado no forte e alguns outros chefes menores que não se consideravam circunscritos à agência dos Estados Unidos de Fort Defiance.

Reunimo-nos na casa do principal homem da aldeia e os navajos, através de seu chefe, declararam que não tinham vindo dizer nada diferente do que havia sido tratado em Fort Defiance, senão confirmar o que já estava estabelecido. Êles não haviam ouvido nunca palavras melhores e tinham grande desejo de ver frutificado o nosso acôrdo.

Assim disseram: "Temos entre nós alguns homens que são maus, mas se alguém errar, os sábios não agirão inadvertidamente, como as crianças, mas farão com que tudo corra conforme o espírito de sua palestra em Fort Defiance.

"Aqui está Hastele (um dos principais chefes); Queremos que você preste boa aten-



ção nêle, para que de forma nenhuma se engane quanto ao homem. Êle nunca mente ou rouba. Ê uma pessoa de confiança; desejamos que tôdas as dificuldades sejam levadas diante dêle. Êle vive perto do rio, na fronteira, e lá será encontrado para qualquer inquirito.”

O tratado de paz foi concluído pelos navajos com as palavras, “Esperamos poder comer à mesma mesa, ser aquecidos pelo mesmo fogo, fumar do mesmo cachimbo e dormir sob a mesma manta.”

Um dos índios deu-me uma nota do agente dos Estados Unidos, declarando que o portador desejava que eu tentasse recuperar alguns carneiros que haviam sido roubados dêle, e estavam em uma das aldeias Moquis; e que já duas tentativas de recobrá-los haviam fracassado.

Deitamo-nos para descansar por volta da meia-noite, e logo ao alvorecer já nós encontrávamos a caminho da aldeia, a poucas milhas de distância, onde os navajos disseram que encontraríamos os carneiros.

Ao avistar o homem que tinha os animais, descobri ser um velho conhecido meu. Êle

parecia estar em péssima disposição de ânimo. Falamos com êle durante algum tempo, mas sem receber resposta qualquer.

Então eu disse, “Você foi o primeiro homem com quem comeciei doze ou treze anos atrás. Você me contou que antes de morrer, seu pai tomou-o nos braços, dizendo que você viveria para ver os brancos vindo do oeste; bons homens, homens de paz; e que não se passaria senão um pouco tempo depois que êles chegassem antes que vocês pudessem dormir em paz, e possuir a paz em tôdas as coisas. Você me afirmou naquela ocasião que nós éramos os homens de quem seu pai havia falado, e agora eu espero que não venha a impedir a paz de chegar até seus territórios por causa de alguns carneiros.”

“Está certo”, disse êle, “Eu não o farei; Desistirei dos animais.”

Êles foram contados e o navajo nos ofereceu um ou dois para comer no caminho de casa. Nós lhe dissemos que poderíamos passar sem levar nenhum de seus carneiros; êle possuía muito poucos e precisaria sem dúvida dêles.

(continua no próximo mês)

PORQUE A PRESSA

(continuação da página, 317)

Os que se casam na infância — e alguns numa infância de mais de vinte anos — encontram-se quase sempre em um conflito constante. Em tais casos, cada um deve consertar mais a si próprio do que ao seu companheiro, e tentar adaptar-se a um padrão de vida em conjunto. Muito se conseguirá reconhecendo o problema, localizando sua origem de uma maneira adulta, e pretendendo dominar-se e corrigir-se os hábitos, as atitudes e excentricidades com os quais penetraram naquela união.

Demasiado número de pessoas confunde mera atração com amor verdadeiro. Outros, lançam-se no matrimônio com a primeira pessoa pela qual sentem uma atração emocional, muitas vezes carnal. Pouca amizade, falta de experiência e falha no uso da cabeça e do coração, são responsáveis pelo fato de aproximadamente metade dos casamentos de moças com menos de dezenove anos, terminar em infelicidade, separação e divórcio.

O “amor à primeira vista” devia conduzir a um segundo olhar mais crítico, para não sermos levados apenas pelo “glamour”. As pessoas que se amam devem examinar-se mutuamente, para que haja maior compreensão entre si. É geralmente desejável que ambas as partes da futura união, tenham antes um número relativamente grande de encontros, para tornarem-se capazes de escolher, com sabedoria e precisão, alguém, dentre um grande grupo. Assim, eles aprenderiam a distinguir uma atração passageira do amor real. O amor verdadeiro e final é mais um desenvolvimento de relações do que um acordar abrupto, e devia ser testado pela familiaridade, pela amizade e a associação.

O homem de paladar educado, quando entra num restaurante de primeira, pede uma lista completa do que pode ser preparado para ele, estuda-a durante algum tempo, e então ordena o que sua experiência lhe ensinou ser fonte de prazer, satisfação e fôrça, e que não lhe venha a causar nenhum mal. Quanto mais cuidadosos não devemos ser no selecionar uma dieta diária para o equilíbrio da nossa vida.

Conquanto a atração física seja essencial para que haja amor entre homem e mulher, não é admissível que venha em primeiro lugar. Respostas emocionais mútuas não garantem o amor ou asseguram um bom casamento. A paixão pode ser romântica, fascinadora, excitante e até mesmo necessária, mas o amor genuíno não pode ser apenas momentâneo, numa ocasião apressada. Pessoas jovens e imaturas são também muitas vezes levadas pelo impulso e a emoção.

A moça que extática exclama: “Ele tem aquela certa coisa”, pode chegar um dia a desejar que ele tivesse “qualquer coisa certa”.

Quantas e quantas vezes as esperanças e os desejos de jovens imaturos e sem sabedoria naufragam na calma de uma maior convivência, deixando o coração ferido, cicatrizes emocionais e espirituais, e algumas vezes, verdadeiras nódoas inextirpáveis.

Depois do casamento, o julgamento maduro e a decisão sábia serão requeridos quase todo dia, e os pesados problemas precisarão ser enfrentados e resolvidos. Não nos referimos apenas à idade, ou ao tamanho físico, mas também à, já então indispensável, maturidade mental, emocional e espiritual. As estatísticas do casamento mostram que os melhores níveis de ajustamento são encontrados quando o homem se casa entre vinte e cinco e trinta anos, e a mulher entre vinte e três e vinte e oito.

O Apóstolo Paulo deu a melhor definição do amor, quando escreveu sobre a caridade ou o amor:

“(O amor) é sofredor, é benigno;... não é invejoso; não se trata com leviandade, não se ensoberbece.

“Não se porta com indecência, ... não se irrita, não suspeita mal;

“Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

“(O amor) nunca falha...” (I Coríntios 13:4-8).

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino”. (Idem, 13:11).

Freqüentemente, quando os pais ou conselheiros matrimoniais põem-se a dissuadir os jovens impetuosos de suas bruscas decisões emocionais sobre o casamento, esbarram com a seguinte afirmação: “Mas nós realmente nos amamos. Temos namorado firme e não podemos continuar separados”. Imaginamos então, quantas vezes não estarão apenas deslumbradas pela reluzente aliança no dedo de uma amiga, ou enciumados pela gabolices do doador. Mas quando as circunstâncias, ou o dever, como o serviço militar ou a missão, requerem uma separação temporária, uma das partes ou ambas, freqüentemente fazem novos conhecimentos, escrevem “bilhetes azuis”, e ficam agradecidos às

EDITORIAL

(continuação da página, 308)

Pois eles irão avante e ninguém os impedirá”, (D. & C. 1:5) devido ao poder que lhes foi dado.

E quando um missionário tiver ido e trabalhado diligentemente para ensinar estas verdades, então o Senhor promete que ele será livre dos pecados e do sangue deste mundo. E ninguém poderá acusá-lo naquele grande dia de julgamento, quando todos serão trazidos diante do Senhor para serem julgados. É pelo poder do testemunho que os Santos estão capacitados a construir o Reino de Deus aqui na terra...

circunstâncias que intervieram e preveniram o que poderia ter-se transformado num triste erro.

E mais tarde, quando os mesmos conselheiros matrimoniais, outra vez lidando com jovens impetuosos, tentam dissuadi-los das decisões súbitas e apaixonadas sobre o divórcio, ouvem o pranto queixoso: Nós tínhamos muito em comum, mas mesmo assim, nossa união não está sendo como nós esperávamos. Achamos que ainda nos amamos, mas... só que tudo não foi tão bem. Tivemos belas núpcias, e uma maravilhosa lua-de-mel, mas não somos felizes. Talvez nós apenas não devêssemos ter-nos casado”.

Parece que tais pessoas contavam que a paixão e a associação impetuosa permanecessem sempre as mesmas, sem esmorecimento, sem cansaço e sem alimento, e continuariam também a crescer durante a tempestade tão bem quanto na bonança. Todas as coisas vivas precisam de sustento, e, se elas param de crescer, começam a morrer. O amor é uma planta tenra. Quando devidamente alimentado, ele torna-se firme, resistente, porém negligenciado, logo irá minguando até morrer.

O amor pueril, embora seja às vezes uma coisa doce e bela, é quase sempre egoísta e egocêntrico. O amor maduro, se for real, não deseja apenas auto-satisfação, mas pensa sempre no bem-estar do companheiro.

Muitos casais jovens podem superestimar a seriedade dos problemas que só em aparecer nos primeiros anos de seu casamento, e de um certo modo, fazem “tempestade num copo d’água”. Isto não quer dizer que não haja muitos problemas sérios que surgem e pedem solução. Mas se eles considerarem seus problemas juntos, como faz a gente adulta, se to-

e aquêles que censuram e condenam o que o Senhor faz, sofrerão o julgamento de um Deus justo.

Com Deus, não há aceção de pessoas. Ele dá a todos a mesma oportunidade de receber esse testemunho, e se a recusam, têm que sofrer as conseqüências. E solenemente prestamos testemunho a todo o povo no Brasil, de que Deus restaurou Sua única e divina Igreja na face da terra, a qual é conhecida como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Convidamos todos os homens a examinarem o que o Senhor nos tem dado.

Traduzido por Rodolpho Alberto Raeder.

marem nota de tôdas as incompreensões, discutirem-nas com franqueza, e, numa espécie de compromisso mútuo, assinalarem e analisarem os problemas da vida de casado, e deixarem-nos na sua perspectiva natural, descobrirão que tinham estado olhando através de lentes de aumento.

Onde há amor profundo e maduro, que esteja sendo nutrido e amparado com cuidado, o casal irá fazer confidências um ao outro e discutir todos os pontos de interesse comum — e no matrimônio tudo deve ser de interesse comum — e continuarão juntos na adversidade, curvando-se, sustentando e dando força um ao outro. Irão achar que suas forças combinadas são mais do que o dobro da força de qualquer um deles sozinho. Problemas e adversidades, quando enfrentados conjuntamente irão fortificar o casamento e unir o casal, muitas vezes mais estreitamente do que se todos os dias fôsem de sol e facilidade. Apenas “passar por cima das coisas” afasta de uma solução, e leva o casal à discórdia, mas se a linha de comunicação entre a esposa e o marido se romper por percalços ou temperamentos opostos, o que outrora foi exuberância e alegria, abre caminho à indiferença, incompreensão e, se não for corrigido, à inimizade e ao ódio. Inibições e relações estremecidas, podem ser evitadas, e o atrito e a tensão conseguirão nos fazer mais fortes, se forem enfrentados e manejados num nível adulto.

Sinceridade e franqueza são para o matrimônio o que a honestidade e a integridade são para o comércio. Sua presença representa sucesso; sua ausência a bancarrota.

Considerando tudo isto, repetiríamos novamente a pergunta: **PORQUE A PRESSA?**

Traduzido por Ricardo Bastos.

MEU TESTEMUNHO

Lorenzi Monteiro
Ramo de Curitiba — 1

Queridos Irmãos:

Pela primeira vez em minha vida sinto o desejo de dar um testemunho. Êste testemunho é sôbre a verdadeira Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Faço isto com o coração sincero e com uma inspiração como nunca antes havia possuído.

Senti que a minha vida mudou maravilhosamente quando encontrei "os mórmons". Bem sei que gostariam de saber como isso aconteceu, pois vou contar-lhes: — Caminhava despreocupadamente em direção à minha casa, quando ao passar pela rua XV de Novembro, notei um grupo de pessoas que desde logo despertou-me a atenção. Procurei chegar para mais perto e saber o que realmente estava acontecendo, assim que me ajuntei ao grupo. Vi logo que se tratava de alguns missionários que pregavam sôbre uma Igreja que de início não pude entender bem, mas que mais tarde vim a saber que se tratava da verdadeira Igreja restaurada sôbre a terra. Falavam também sôbre um "Livro de Mórmon", sôbre profetas em nossos tempos, enfim, falavam de coisas que nunca antes eu havia ouvido falar. Tentei prosseguir em meu caminho, porém senti um ardente desejo de compreender o que êles estavam tentando explicar. Continuei a ouvir por mais alguns minutos, quando fui surpreendido por um dos jovens missionários, o qual se propunha a fazer uma visita a minha casa, a fim de dar-me maiores detalhes sôbre a sua doutrina. Neste momento, mal pude conter a satisfação que se apossou de mim, e mais que depressa dei-lhe o meu enderêgo, e êle afirmou que eu e minha família seríamos visitados no dia seguinte, marcando inclusive a hora de tal visita. Após estas breves palavras que troquei com o missionário, prossegui rumo à minha casa. Isto aconteceu no dia 18 de julho. Nesse dia eu regresssei à casa tarde da noite. No dia seguinte, logo que acordei, relatei o ocorrido a meus familiares, os quais ficaram a conjeturar sôbre o assunto, eu porém lhes disse que aguardassem até à noite, quando então teriam a oportunidade de saber *tudo*, por ocasião da já referida visita. Finalmente, depois de um exaustivo dia de trabalho, regresssei à minha casa, a fim de preparar-me para receber a tão ansiosamente aguardada visita dos mórmons.

Exatamente à hora marcada, eis que surgem dois jovens altos, de boa aparência, os quais fizeram suas próprias apresentações, sendo que um dêles chamava Elder Carlos Aidukaitis, e o outro Elder Jamison. Em seguida pediram licença e começaram a ensinar. Falavam com tanta autoridade que todos quantos ouvissem suas palavras naquêlo momento, sentiriam que realmente estavam dizendo a verdade. Meu espírito assim o testificava, enquanto êles prestavam seus testemunhos, pois seus olhos brilhavam fortemente como uma súplica para que todos entendessemos que Deus vive ainda hoje e que fala com os homens através de Seus profetas aqui na terra. Após ensinarem-nos coisas maravilhosas sôbre a palavra de Deus, deram por encerrada a visita com uma vibrante oração, proferida por cada um de meus familiares.

Marcamos novas entrevistas, e foi numa dessas visitas que fui inspirado a prestar-lhes êste testemunho, e posso afiançar que êste testemunho eu o recebi não dos homens, mas sim de Deus, pois, quando faço as minhas orações, sinto que as mesmas são respondidas por nosso Pai Celestial, o qual tem derramado bênçãos diàriamente sôbre mim. Uma das grandes bênçãos que recebi foi o esclarecimento da verdade; outra bênção maravilhosa, foi a oportunidade de ser batizado nas águas, por homens ordenados por Deus, e ter também recebido o batismo do Espírito Santo, o qual me guiará para sempre no caminho da verdade de Deus.

Quero deixar êste testemunho com o desejo de que todos quantos tiverem a oportunidade de ler, sintam o desejo de, como eu, conhecer a verdade sôbre a Igreja restaurada aqui na terra, e possam sentir também a felicidade e paz íntima que eu sinto neste momento.

Eu sei que tudo que escrevi é verdade. Sei ainda que Deus vive realmente, e que deu a nós a mesma oportunidade que foi dada aos povos antigos, sendo aceito por uns e rejeitado por outros. Sei ainda que Joseph Smith foi um profeta escolhido por Deus, e que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus, tanto quanto a Bíblia o é; sei que nós estamos vivendo nos últimos dias e que precisamos temer a nosso Pai Celestial pois que, próximo está o dia do nosso Julgamento.

A Missão Distrital de Curitiba

Por Flodoaldo Alcione Toniolo,
Presidente da Missão Distrital.

As responsabilidades dos Missionários Distritais são quase idênticas às dos missionários regulares. A diferença é que tendo outros trabalhos e ocupações, dedicam menos tempo ao serviço missionário. Por isso dão duas ou três noites por semana e mesmo durante o dia, as horas que têm disponíveis, a fim de espalhar o Evangelho de Jesus Cristo e a restauração da Igreja, nestes últimos dias.

Esses missionários estudam o Evangelho, a fim de encontrar um meio mais fácil de explicar ao povo os seus ensinamentos. Eles têm um testemunho de que Jesus é o Cristo, que viveu e morreu por nós, ressuscitando em seguida com um corpo imortal. Sabem que Cristo falou realmente aos profetas e com eles andou, e deixou princípios e ordenanças a fim de que todos os filhos de Deus pudessem alcançar a vida eterna. São os seguintes princípios: 1 — Fé no Senhor Jesus Cristo; 2 — Arrependimento; 3 — Batismo por imersão para a remissão dos pecados; 4 — Imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. Sabem ainda que Deus falou novamente ao povo aqui na terra; que Joseph Smith foi um profeta como qualquer outro da Bíblia, e que o Livro de Mórmon é um verdadeiro registro das palavras de Deus aos habitantes da América, há muitos séculos atrás. Eles testemunham a todos, não por palavras, mas pela sinceridade de seus corações. E, muitas vezes, esse sentimento os transforma de tal maneira que os ouvintes desejam segui-los e imitá-los.

Outro dever dos missionários é o de preencher semanalmente um relatório e encaminhá-lo ao Presidente da Missão Distrital. Todos esses deveres e responsabilidades são muito grandes e importantes, porque os missionários estão trabalhando no serviço do Senhor, e são observados pelo povo entre o qual trabalham.

Disse o Salvador aos apóstolos: "Ide, portanto e ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo;

"Ensinando-as a guardar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mat. 28:19-20)

É propósito do Altíssimo salvar o indivíduo, e Ele disse:

"Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus;

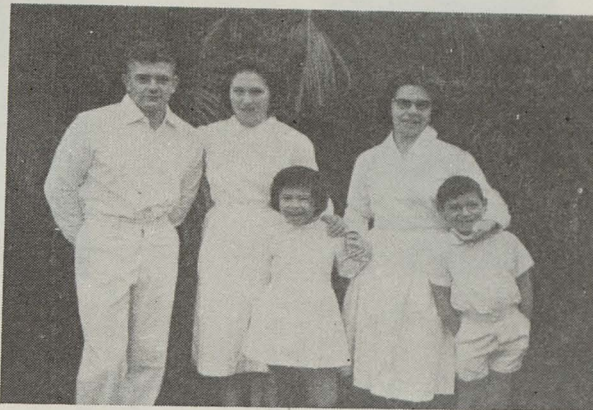
"E se acontecer que se trabalhades todos os vossos dias proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quanto grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

"E agora se a vossa alegria fôr grande com uma só alma que trouxerdes a mim, no reino de meu Pai, quanto grande não será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas." (D & C 18:10, 15-16)

Fui chamado e designado Missionário Distrital, no cargo de Presidente da Missão Distrital e estou imensamente feliz por essa nova designação, pois apesar de ser membro há 17 anos, ainda não havia cumprido uma

missão na Igreja. Fico muito agradecido ao nosso Pai Celestial por esta oportunidade que tenho de chamar almas ao arrependimento e de pregar o Evangelho de Jesus Cristo. Comigo foram chamados e designados mais 26 missionários distritais dos três ramos deste distrito, 1.º e 2.º Ramos de Curitiba e o de Ponta Grossa; são os irmãos Isolde Stadler, Vera Elizabeth Mourão, Neli Pedroso, Yone Aoto, Maria Sebastiana R. Alves, Wilson Lima, Mario Aoto, Otto Alberto Raeder, Nobuo Suzuki, Dirceu Domingues, Dinor Quintana, José Doin Cordeiro, Rosa Schane Cordeiro, Ellen Sorensen, Ana Maria Brustolin, Plínio Ávila Gaertner, Vilma Cardoso Gaertner, Maria Tavares Madalosso, Maria Antonieta Madalosso, Valdevino José Spranger, Daniel Samways, Nadir Samways, Carlos Alberto Quentin, Manoel José de Souza, Levi Ewaldo Gaertner e Alice Carneiro Lobo Gaertner.

Embora tenhamos iniciado há tão pouco tempo o serviço missionário distrital, já colhemos os primeiros frutos, no mês de junho, ao vermos entrar nas águas do batismo, cinco conversos; os irmãos Acir José Dalarmi, Angela Dalarmi, Celia Romano, Odelvira Romano e Sérgio Romano.



Apesar do tempo feio e chuvoso desse dia, tivemos a mais maravilhosa reunião batismal, com a assistência de mais de 120 pessoas que ali foram para participar da alegria de vermos coroados de êxito o trabalho de nossos Missionários distritais.

Temos a certeza de que até o fim do ano elevaremos de muito o número de conversos, através do Evangelho de Jesus Cristo e do esforço dos missionários distritais. Se assim agirmos, receberemos com certeza muitas bênçãos de Nosso Pai Celestial.

(Desde que este artigo foi escrito, houve mais 8 batismos no Distrito de Curitiba e mais 4 no de Pôrto Alegre pelos missionários distritais.)

... UM ANJO

(continuação da página, 319)

Eu sempre me senti um pouco presunçosa, tôdas as vêzes que me denominava "Santo", como são considerados os membros de nossa maravilhosa Igreja. Mas vovó era o epítome de tudo aquilo que a palavra pudesse encerrar.

Alguns anos após a morte de mamãe, papai casou-se novamente. Êle providenciou para nós uma nova e maravilhosa mãe — uma irmã de Annie May. Onde poderia êle encontrar melhor espôsa do que uma filha criada por essa bondosa criatura? E onde mais poderia êle encontrar uma sogra como ela? Êle costumava dizer: "Quando se encontra algo de bom nunca se deve deixar escapar", e foi exatamente o que fêz!

A medida que vovó foi envelhecendo, freqüentemente misturava o dinamarquês com o inglês, tanto no falar quanto no escrever. Ela já tinha quase que se esquecido das canções e das histórias da sua Dinamarca. Entretanto, algumas semanas antes da sua morte, sentou-se à mesa de nossa cozinha, e com lágrimas rolando pelas faces, cantou o Hino Nacional Dinamarquês do comêço ao fim, sem se atrapalhar. Depois ela cantou o Hino Nacional Americano, "The Star Spangled Banner".

Não posso ter certeza absoluta de como se compõem as hostes celestiais, mas, qualquer lugar que eu merecer depois desta vida será um verdadeiro paraíso para mim, se quando eu cruzar os portões, puder ouvir vovó a dizer, batendo em seu joelho e enrolando a língua com seus "rrs": "Nej men, Nora"!

Traduzido por Ebe Bastos.

Reminiscências

MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS DA MISSÃO BRASILEIRA



Sister
Audrey Olpin



Elder
Nord L. Gale



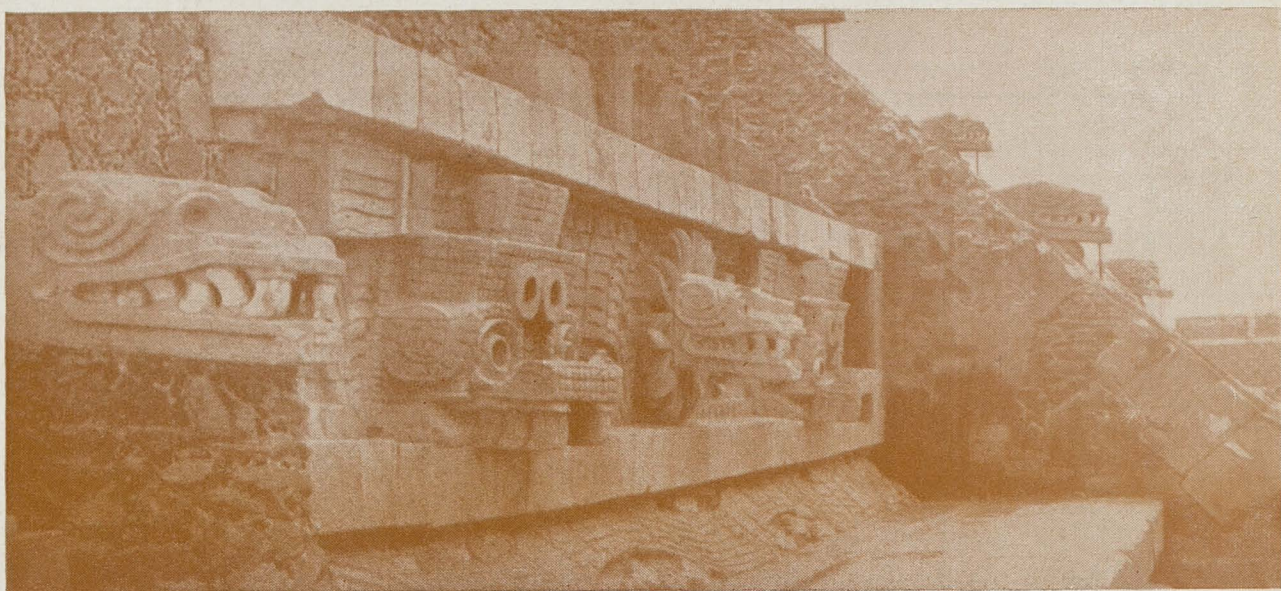
Elder
George F. Reid



Elder
Wendell S. West



Elder
Howard J. Clegg



Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO